

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO ACADÊMICO**

**AGENOR LOPES FILHO**

**NA ALFABETIZAÇÃO:  
O QUE DIZEM AS CRIANÇAS NEGRAS SOBRE A NEGRITUDE**

**BENTO GONÇALVES**

**2024**

**AGENOR LOPES FILHO**

**NA ALFABETIZAÇÃO:**

**O QUE DIZEM AS CRIANÇAS NEGRAS SOBRE A NEGRITUDE**

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pela Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação do Curso de Mestrado da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para o título de Mestre em Educação. Linha de Pesquisa: História e Filosofia da Educação  
Orientação: Dr.<sup>a</sup> Sônia Regina da Luz Matos

**BENTO GONÇALVES**

**2024**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Universidade de Caxias do Sul  
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

L864n Lopes Filho, Agenor

Na alfabetização [recurso eletrônico] : o que dizem as crianças negras sobre a negritude / Agenor Lopes Filho. – 2024.

Dados eletrônicos.

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2024.

Orientação: Sônia Regina da Luz Matos.

Modo de acesso: World Wide Web

Disponível em: <https://repositorio.ucs.br>

1. Alfabetização. 2. Crianças negras. 3. Racismo. 4. Negros - Identidade racial. I. Matos, Sônia Regina da Luz, orient. II. Título.

CDU 2. ed.: 37.016:003-028.31

Catalogação na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)  
Márcia Servi Gonçalves - CRB 10/1500

**“Na Alfabetização: o que dizem as Crianças Negras sobre a  
Negritude”**

**Agenor Lopes Filho**

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pela Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Educação. Linha de Pesquisa: História e Filosofia da Educação.

Bento Gonçalves, 16 de dezembro de 2024.

*Participação por videoconferência*

Dra. Sônia Regina da Luz Matos (presidente - UCS)

*Participação por videoconferência*

Dr. André Brayner de Farias (UCS)

*Participação por videoconferência*

Dr. Érico Andrade Marques de Oliveira (UFPE)



## RESUMO

A escrita intitulada *Na alfabetização: o que dizem as crianças negras sobre a negritude* narra encontros que acontecem por meio de cinco ateliês-negritude, com crianças negras na alfabetização, matriculadas nas escolas estaduais da cidade de Bento Gonçalves, município da região serrana do Rio Grande do Sul. Traz como tensionamento o seguinte problema de pesquisa: o que dizem as crianças negras matriculadas no segundo ano da alfabetização nas escolas estaduais da cidade de Bento Gonçalves – RS sobre a negritude? Ao disparar a escrita deste tema de dissertação, o ato de um pai-negro é movido pela manifestação de racismo causada na escola, diretamente ao filho Arthur e, com o movimento da pesquisa reivindica, por intermédio da escrita, o lugar de um método de pesquisa como cartógrafo-negro e a sua expressão por meio de desenhos e da escrita da dissertação, que acontece somente com autores negros e negras, o que já ocorre por tal posicionamento político-científico de uma prática de pesquisa pela negritude. Junto ao método, os combates conceituais ocorrem pela racialização do negro, numa perspectiva da negritude. Esse processo tem como objetivo geral de pesquisa cartografar o que dizem as crianças negras matriculadas no segundo ano da alfabetização nas escolas estaduais da cidade de Bento Gonçalves – RS sobre a negritude e, a partir disso, temos os seguintes tópicos investigativos: I. Expressa, através de uma cartografia por meio de desenhos, os operadores de produção de racismo, na perspectiva do cartógrafo-negro; II. Mapeia a presença das crianças negras no primeiro ano da alfabetização, através dos dados de autodeclaração de raça informado pelos responsáveis, nas escolas estaduais, no Município de Bento Gonçalves – RS; III. Elabora o ateliê-negritude, para que as crianças negras que constam no mapeamento do objetivo II expressem suas negritudes; IV. Aponta o que dizem as crianças negras quando participam do ateliê-negritude. Participaram dos ateliês-negritude dez crianças do segundo ano de alfabetização, distribuídas em cinco escolas do município e neste espaço traz o registro que as crianças dizem do racismo, territorializado nos seus cabelos crespos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Alfabetização; Crianças negras; Racismo; Negritude; Ateliês.

## ABSTRACT

The writing entitled *In literacy: what black children say about blackness* reports meetings that happen through five workshops on blackness, with black children in literacy, enrolled in state schools in the city of Bento Gonçalves, a municipality in the mountain chains of Rio Grande do Sul. It brings the following research problem in discussion: What do black children enrolled in the second year of literacy in state schools in the city of Bento Gonçalves–RS say about blackness? In presenting the writing of this dissertation topic, the act of a black father is driven by the demonstration of racism caused at school, directly to his son Arthur and, with the movement of the research, he claims, through writing, the place of a research method as a black cartographer and its expression through drawings and the writing of the dissertation, which only happens with black authors, which already occurs due to this political-scientific positioning of a research practice for blackness. Along with the method, conceptual combats occur over the racialization of black people, from a perspective of blackness. The general aim of this research process is to map what black children enrolled in the second year of literacy in state schools in the city of Bento Gonçalves - RS say about blackness and, based on this, we have the following investigative topics: I. Expressing, through a cartography of drawings, the operators in the production of blackness; II. Mapping the presence of black children in the first year of literacy, using self-declared race data provided by those responsible, in state schools in the municipality of Bento Gonçalves - RS; III. Elaborate the black workshop, so that the black children listed in the mapping of objective II can express their blackness; IV. Point out what the black children say when they participate in the black workshop. Ten children from the second year of literacy, from five schools in the municipality, took part in the ateliers-negritude and this space shows the record of what the children say about racism, territorialized in their curly hair.

**KEYWORDS:** Literacy; Black children; Racism; Blackness; Workshops.

## AGRADECIMENTOS

À Professora Sônia Regina da Luz Matos, pela persistência e por suas orientações, por emprestar o lápis que deu cor aos desenhos e à escrita do cartógrafo-negro.

Ao grupo de estudos Pedagogia da Diferença Método Aranha, pela potência dos encontros e contribuições.

Ao Professor André Brayner de Farias e ao Professor Érico Andrade, por se juntarem a essa roda.

À Universidade de Caxias do Sul, pelo acolhimento e oportunidades de manifestar essa pesquisa pelo território acadêmico.

À Letícia, minha querida esposa, por remar sozinha nas minhas ausências e pelas vezes que segurou o peso do pandeiro para que o cartógrafo não cessasse de tocar.

À bolsa PROUNI, por tornar esse caminho possível.

Às crianças negras, por deixarem seus dizeres.

Para Arthur...

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

<b>CAAE</b>	Certificado de Apresentação de Apreciação Ética
<b>EJA</b>	Educação de Jovens e Adultos
<b>IBGE</b>	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
<b>ISE</b>	Informatização da Secretaria da Educação
<b>LDB</b>	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira
<b>PPGedu</b>	Programa de Pós-Graduação em Educação
<b>RBS</b>	Rede Brasil Sul de Televisão
<b>RS</b>	Rio Grande do Sul
<b>UCS</b>	Universidade de Caxias do Sul

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Ficha de inscrição.....	61
-----------------------------------	----

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Autodeclaração de raça .....	64
Tabela 2 - Mapa das escolas .....	65
Tabela 3 - Mapeamento crianças autodeclaradas pretas.....	78

## SUMÁRIO

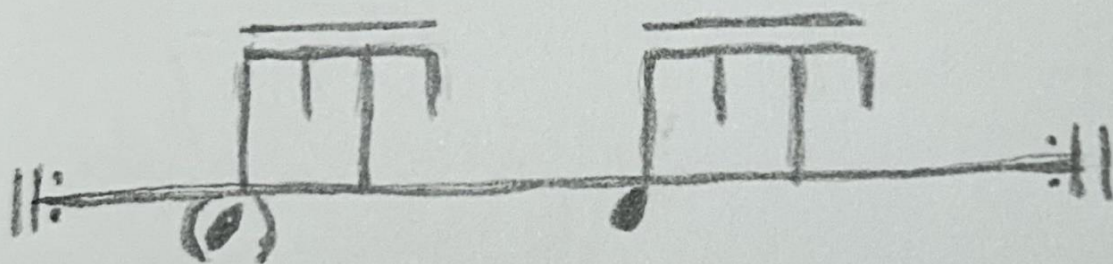
O CARTÓGRAFO-NEGRO .....	14
ARTHUR, 5 ANOS .....	18
“NÃO CONSIGO RESPIRAR” .....	27
“O NEGUINHO” .....	32
“NÃO VOU PARAR DE BAILAR” .....	37
“MALDITA PRINCESA ISABEL” .....	41
“PAI, TEM QUE CORTAR MEU CABELO” .....	45
“A ÚNICA CULTURA QUE ELES TÊM É VIVER NA PRAIA TOCANDO TAMBOR” .....	50
CRIANÇAS NEGRAS .....	57
MODOS DE FAZER A CARTOGRAFIA .....	72
ENCONTRO DOS DIZERES .....	80
ATELIÊ-NEGRITUDE 1 .....	83
ATELIÊ-NEGRITUDE 2 .....	90
ATELIÊ-NEGRITUDE 3 .....	100
ATELIÊ-NEGRITUDE 4 .....	112
ATELIÊ-NEGRITUDE 5 .....	116
NEGRITUDE DIZ.....	121
REFERÊNCIAS .....	128



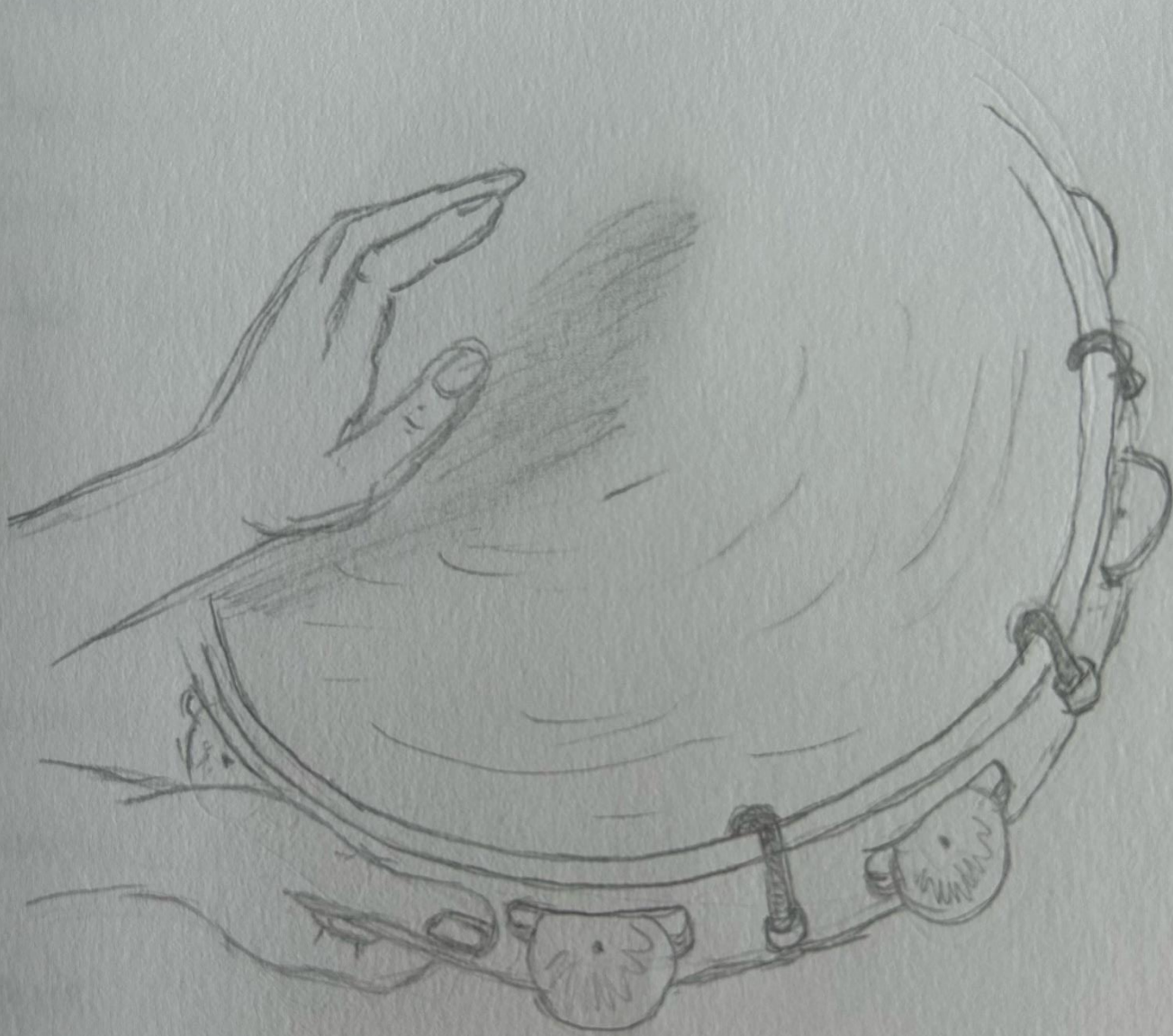
Hoje tem roda de samba

e o emredo

é essa dissertação



## O CARTÓGRAFO-NEGRO



FF



Queria poder tecer essa escritura com a mesma perícia que manejo meu corpo em um samba de gafeira, mas diferente da ginga com a qual os negros parecem ter se especializado ao longo dos séculos, cuja raiz ancestral sobreviveu como uma das heranças afrodiaspóricas e símbolo de resistência, escrever um projeto de mestrado me parece ser tão desafiador quanto ler as primeiras palavras numa lousa verde musgo borrada de giz. Ao aceitar o desafio de escrever pela negritude, percebi que tudo que aprendi sobre a identidade do negro na escola levou-me a odiar esse ser, cuja qualquer contribuição que tenha dado para os registros científicos, históricos, artísticos, musicais, entre tantas experiências para humanidade, o projeto europeu fez questão de apagar, aniquilar e matar (Andrade, 2023).

Em tempo, é possível voltar a si, tornar-me negro (Souza, 1983) e compor com a negritude, como uma redenção à negação aos meus ancestrais e como compromisso com meu filho Arthur. Escolho tecer essa escritura somente com autores negros e negras, e com o anseio de quem faz algo de seu combate, disserto a escrita como cartógrafo-negro e penso a cartografia como movimento pujante, onde as cenas do vivido dos personagens<sup>1</sup> negros que compõem essa dissertação se misturam ao vivível do pesquisador. Nesse método cartográfico, segundo Cordeiro (2022, p. 260):

[...] muito mais que um planejamento a rigor, surgem pistas, indícios de caminhos para um fim provisoriamente estabilizado. Falo das pistas que levam à construção de um mapa, mapa em que o relato rizomático reverbera em uma política de narrativa, a partir de um lugar de proximidade/coemergência com o grupo de atores sociais em pauta, construindo com eles e elas um território existencial a partir de rizomas.

---

<sup>1</sup>Projeto submetido à Plataforma Brasil do Comitê de Ética em Pesquisa com Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) nº 79769424.8.0000.5341.

Essa cartografia abre combates e dizeres, apenas um ponto de fuga em meio a tantas possibilidades de saídas rizomáticas para as lutas de resistência da negritude.<sup>2</sup> A escrita da negritude movimenta-se pelo vivível do cartógrafo-negro, que enquanto disserta essas palavras, motivado pela experiência de preconceito experimentada pelo filho Arthur, dispara a pensar e a recordar a própria experiência como negro. O que diz Arthur, uma criança negra, denuncia um racismo institucionalizado nas nossas escolas, com isso, faço coro a Woodson (2022, p. 14) o qual pontua que “[...] prejudicar um aluno ensinando a ele que seu rosto Negro é uma maldição e que não há esperança na luta para mudar sua condição é o pior tipo de linchamento”. É bem verdade que o norte-americano Carter G. Woodson escreveu “A deseducação do Negro” (2002) há quase um século nos Estados Unidos, mas sua obra ainda retrata nossas instituições contemporâneas, e deve, assim como a escrita desse pesquisador, ser utilizada como instrumento de combate.

---

<sup>2</sup> Como metodologia de pesquisa, o cartógrafo usa a Cartografia de Gilles Deleuze e Félix Guattari que operam esse conceito filosófico como princípio do rizoma. Ao tecer essa escrita somente com autores negros e negras, o cartógrafo abandona a estrutura profunda da árvore, como uma tentativa de não produzir decalques, opondo-se em carregar nesta pesquisa qualquer mancha de branquitude. Sendo esse um movimento cartográfico operado com um pedacinho do rizoma.

**ARTHUR, 5 ANOS**



LF

Antes de qualquer movimento possível, faço um minuto de puro silêncio. Assim foram os primeiros movimentos desta pesquisa, buscando por algumas respostas no vazio, para questões que não saberia responder. Nesses quarenta anos de existência, muita coisa mudou desde a infância. Não me permitiria sonhar, apenas alguns objetivos: escapar do racismo, fugir dos estereótipos e jamais ser emparedado pela polícia. Sem sonhos, apenas viver os movimentos que entendia serem possíveis produzir.

Essa pesquisa é escrita por alguém que já se viu subalternizado, que se apegou a ideia de ascender socialmente como uma via segura para fugir do racismo. Sendo negro, nascido e residente na cidade de Bento Gonçalves - RS e sem muito pelo que me orgulhar, restava apenas o querer estar em um lugar privilegiado, vestir a máscara branca (Andrade, 2023) para que os livros de história não me apontassem.

Contando um pouco das experiências vivas desse território, revisito movimentos vividos durante a alfabetização iniciados aos seis anos de idade, como o orgulho sentido por ter sido o primeiro aluno da sala de aula a ler no quadro: Tico-tico. Tal palavra o professor escreveu na lousa e com uma varinha de metal em mãos, o que já fora uma antena para captar sinal de rádio AM/FM de algum carro, deslizava sílaba por sílaba para nos ensinar a ler nossas primeiras palavras. Aliás, varinha esta que também servia para bater em nossas mãozinhas, quando não nos portávamos da forma que se esperava frente aos preceitos da época. Espalmar as mãos sobre a classe e tomar uma “varadinha” de leve, ou ficar de joelhos no canto da sala, virado para a parede, eram práticas comuns de castigo na época.

Frequentei a mesma escola até a 4ª série. Na mesma escola fiquei em primeiro lugar no festival de apresentações cantando a música *Pense em Mim*, de Leandro e Leonardo, interpretei o “Seu Boneco” da Escolinha do



Professor Raimundo no teatro da turma que era multisseriada, e claro, não poderia deixar de citar os marcantes ensaios para as nossas apresentações em datas comemorativas, dos repertórios como *La Bela Polenta* e *Quel Mazzolin di Fiori*.<sup>3</sup>

Aos 17 anos de idade abandonei o ensino médio para dar prioridade ao trabalho e auxiliar meus pais financeiramente. Retomei os estudos aos 21 anos, quando finalizei o segundo e terceiro anos do ensino médio em um ano, na modalidade Supletivo, em escola particular. Aos 22 anos ingressei no curso de Educação Física na Universidade de Caxias do Sul e, ao concluir a graduação aos 28 anos, tornei-me o primeiro membro da família em gerações a conquistar diploma de graduação. Desde então, aprovado em concurso para o magistério estadual no mesmo ano de formatura (2012), fui me constituindo professor e, poucos anos depois, presenteado e desafiado a me constituir pai. Ao trilhar por esses desafios, fui forçado a voltar e resgatar a negritude que havia abandonado pelo caminho.

A partir das experiências como aluno, pai e educador, acabei sendo tomado pelo interesse de investigação acerca do discutir e questionar sobre o modo como o negro é representado nos ambientes escolares. A percepção do professor sobre os impactos dessas representações no aluno negro presente na sala de aula, na forma como enxerga a condição desse aluno e, conseqüentemente, no modo como se relaciona com ele se tornaram inquietudes. Inquietações estas que me levaram ao Programa de Pós-

---

<sup>3</sup> Tradução: “A bela polenta” e “Aquele buquezinho de flor que vem da montanha”. São canções muito cantadas em dialeto italiano pelos descendentes de imigrantes italianos em festas das comunidades nessa região. Por ser uma cultura hegemônica nesse território, acabava que era a única cultura difundida na escola, e, portanto, não havia estranhamento, embora descontextualizada da realidade da minha família.

Graduação em Educação, a saber, o curso de Mestrado em Educação da Universidade de Caxias do Sul.

Nessa perspectiva, movido por uma certa repetição, do que se passou com minha infância – atualmente professor negro - e a de Arthur, decidi pesquisar e percorrer pelos territórios da negritude. Com liberdade e rigor da Pedagogia da Diferença<sup>4</sup> com o seguinte questionamento: o que dizem as crianças negras matriculadas no segundo ano da alfabetização nas escolas estaduais da cidade de Bento Gonçalves – RS sobre a negritude?

A pesquisa também diz respeito ao trajeto pessoal e profissional deste pesquisador que vos redige, que pela cartografia torna-se cartógrafo-negro e procura percorrer pelos territórios escolares, elaborando ateliês com as crianças negras nas turmas de alfabetização para cartografar o que elas dizem sobre a negritude, produzindo provocações acerca desses movimentos.

Pesquisar cartograficamente, desenhando, escrevendo junto das crianças, é estar atento ao que se passa, é também o modo de vasculhar territórios não ditos, esquecidos, é, involuntariamente, deixar-se tocar, no caso deste pesquisador, pela dor do preconceito e recusa, que a criança-homem-pai passou e passa nas relações institucionais e sociais.

Ser negro é percorrer pelo próprio território existencial e sofrer o embate dos efeitos de um racismo estrutural, é confrontar-se com o negro inventado pelo homem eurocêntrico, o que produz a rejeição da própria imagem construída por uma identidade racial desvalorizada, que desencadeia um tipo de falta de confiança em si mesmo. Herança da dominação da colonização e da escravidão. Assim, apresento-me como parte e criador

---

<sup>4</sup> Projeto Cadastrado no PPGedu/UCS – 2023-2024.

dessa cartografia dos movimentos, impulsionado pela não conformidade do contexto ainda atual do racismo na educação.

Pretende-se, com essa pesquisa, compor com as lutas sociais em prol de uma educação mais equânime, que reconheça e abrace a diferença. De fato, o que justifica, prioritariamente, o desenrolar dessa pesquisa, sejam as experiências de dor, pelas cenas vividas por este pai pesquisador, que viu o filho Arthur viver sua própria cena de racismo no período da educação infantil e pelas cenas da rejeição da própria identidade racial que se multiplicam nas salas de aula, também presenciadas por este pesquisador enquanto professor. Cenas estas que continuarão a se multiplicar enquanto a escola não se apropriar das mudanças previstas pela lei 10.639/2003<sup>5</sup> e pensar a relação entre equidade e educação.

Por esses movimentos composto de cenas que, ora mais se assemelham a um rabisco de uma escrita, percebo um pensamento atravessado em nossas instituições. O colonialismo e o racismo estão consolidados subjetivamente, mas também nos instrumentos teóricos replicados na prática social escolar, “se passarmos em revista vários currículos do ensino fundamental e médio, veremos que o negro, na maioria das vezes, é apresentado aos alunos e às alunas unicamente como escravo [...]” (Gomes, 2002, p. 42). Isso posto, como duvidar que na serra gaúcha, lugar de maciço etnocentrismo europeu, nossas crianças negras alfabetizadas nestes territórios, não apreciem, em seu desenvolvimento, a apropriação de uma identidade racial negativa, uma vez que, o que se supervaloriza neste local é a descendência europeia, que não é da intenção

---

<sup>5</sup>Sancionada em 2003 pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, torna obrigatório o ensino da História e Cultura Afro Brasileira (Santos, 2005, p. 32). Ressalta o “[...] reconhecimento e igual valorização das raízes africanas da nação brasileira, ao lado das indígenas, europeias e asiáticas”. (LDBEN nº 9.394/96, 2004, p. 20).

desse pesquisador apontá-la como demérito, tão pouco desqualificá-la. No entanto, recorro a cartografar esse movimento, problematizando e apontando para a necessidade de ver a criança negra, que nesse processo tende a ser negligenciada.

Penso assim, em percorrer por este recorte do espaço escolar no período da alfabetização, problematizar essa subalternização do negro em espaços escolares, apontando para a necessidade de ações afirmativas e de valorização da negritude de forma constante. E nesse encontro com o espaço de atuação do(a) professor(a), potencializar práticas efetivas de combate ao racismo, pois também é de competência dos(as) professores(as) a desnaturalização das diferenças e estigmas produzidos pela racialização (Gomes, 2002).

É a partir desse movimento e pelas mãos desse pesquisador, que desliza um lápis preto sobre a folha de papel Canson<sup>6</sup>, dá cor às subjetividades<sup>7</sup> e faz surgir a cartografia.

Ao pensar em mapas que expressem um combate, este cartógrafo-negro se expressa por meio de desenhos e a cartografia entra no texto a partir de desenhos em rabiscos de lápis, que trazem imagens e territórios de acontecimentos na atualidade social da expressão de produção do racismo. A expressão dos desenhos operados pelo cartógrafo-negro é o que relaciona a cartografia às crianças negras.

Com o propósito de levar ao problema que delinea essa pesquisa, o ato de: cartografar o que dizem as crianças negras matriculadas no segundo

---

<sup>6</sup> Papel de textura levemente granulada utilizado para desenhos.

<sup>7</sup> A subjetividade é entendida aqui por ser o modo de se perceber a partir de uma diversidade de experiências pessoais. Essas experiências são interpretadas de formas diferentes por cada ser humano, e essa singularidade é que permite que cada um traga as próprias narrativas de si, no caso dessa escrita, é a não definição do ser negro de modo monolítico (Andrade, 2023).

ano da alfabetização nas escolas estaduais da cidade de Bento Gonçalves – RS, sobre a negritude - movimenta-se a pesquisa de quadro modos:

I. Expressa-se através de uma cartografia por meio de desenhos os operadores de produção de racismo, pela perspectiva de um negro;

II. Mapeia-se o número de crianças negras matriculadas no primeiro ano da alfabetização (ano 2023), por meio do instrumento de autodeclaração de raça, respondido pelo responsável no momento da matrícula nas Escolas Estaduais do Município de Bento Gonçalves - RS;

III. Elabora-se o ateliê-negritude, para que as crianças negras que constam no mapeamento do objetivo II expressem suas negritudes;

IV. Aponta-se o que dizem as crianças negras quando participam do ateliê-negritude, sobre a negritude.

Logo, ao mostrar os objetivos acima e tratar-se do método cartográfico por meio de desenhos, a escrita espalha-se em três blocos. “Não consigo respirar” abre uma sequência de desenhos e textos onde convida-se o leitor a se servir pela escrita cartográfica, da vertiginosa experiência de ser negro que este pesquisador, professor, pai e filho de mulher negra com raízes ancestrais cunhadas na escravidão, faz questão de aventurar o leitor.

A escrita parte do entendimento de que a construção do negro pelo ocidente enquanto racializado e selvagem, é uma justificativa para as atrocidades com os povos africanos, escravizando-os e transformando-os em moeda e mercadoria.

Os textos vão sendo tecidos e operados com os desenhos, e mostram que é a partir dessa construção do negro, como corpo estigmatizado forjado pelo europeu, que ainda se vê o negro na atualidade. Trata-se da coletividade dos corpos negros, da insubmissão e resistência a essa identidade colonial imposta pela branquitude.

No segundo bloco, intitulado “Crianças negras”, procura-se denunciar a hegemonia de uma identidade branca que molda o modo de pensar em nossa região e, ainda, como no caso ocorrido com Arthur, que impõe como um negro deve usar seu cabelo. É nessa perspectiva que vou tecendo considerações a respeito dos dados de autodeclaração de raça de alunos matriculados no primeiro ano da alfabetização nas escolas estaduais da cidade de Bento Gonçalves. A partir desses dados, tensiono por um combate à identidade colonial e à um racismo que gera desigualdades e que ainda se fortalece pela instituição escolar.

No terceiro e último bloco, a cartografia dos achados nos ateliês-negritude traz a potência dos dizeres singulares das crianças negras. Uma experimentação cartográfica que mostra os corpos negros como marca da exclusão, operada por um racismo que cumpre seu modo de funcionamento pelo cabelo crespo numa tentativa de levar a corporeidade negra a uma adaptação à cultura universal branca.

**“NÃO CONSIGO RESPIRAR”**



LF



Essa escrita movimenta-se por atravessamentos e encontros que nos levam à dor e sofrimento da negritude, mas que também nos fazem refletir acerca de uma possibilidade de descentralização e abertura do pensamento sobre e para o mundo a partir da experiência negra, que, com as palavras prementes de Achille Mbembe (2022), convida-se o leitor a refletir sobre as diferenças cunhadas pelo imaginário europeu, a raça enquanto conceito estigmatizante e o projeto europeu que inventou o negro como inferior (Mbembe, 2022). Faz-se saber que o pensamento filosófico da modernidade<sup>8</sup> determinou a construção do negro como um ser racializado.

À vista disso, faz-se convite à Andrade (2023) a fazer parte desse enredo, cujas palavras dão força a esse texto, ao considerar que o discurso identitário segregatório tenha sido fundado a partir do modelo cartesiano que definiu a priori, o homem da modernidade pelo uso da razão. Nesse sentido, o exercício da razão permitia ao homem moderno o autorreconhecimento. Por outro lado, a ausência desse critério reduziria o outro a apenas um corpo que, para o autor, suscitou um modelo discriminatório por instituir um retrato identitário do que é o humano e, por conseguinte, aproximar dos animais aqueles cuja utilização da razão, de acordo com o pensamento da modernidade, se dava de forma accidental, demarcando assim as diferenças entre outros humanos, que por serem inferiores, poderiam ser escravizados (Andrade, 2023).

Ainda de acordo com o autor, é a partir da construção cartesiana que o homem moderno passa a ser o balizador entre o humano e o sub-humano.

---

<sup>8</sup> O período da modernidade tem início no século XVII e é marcada pelo cartesianismo, filosofia de René Descartes.

Com o pensamento filosófico de Hegel<sup>9</sup>, se constrói um discurso que sustenta a incapacidade das pessoas negras de exercer a autorreflexão, colaborando e embasando a criação de pessoas racializadas e conseqüentemente subalternizadas pela diferença.

Essa produção de um pensamento racista contribuiu para legitimar a superioridade da raça pelo viés do conceito de raça como identidade ontológica e, a partir da concepção de que um corpo sem espírito não tem identidade, o corpo negro passou a ser estigmatizado, pois, enquanto o homem moderno exerce a capacidade autorreflexiva com base na qual é capaz de se outorgar agente político, o negro é reduzido a apenas um corpo.

Nessa acepção, a África não poderia fazer história, já que esta é fruto da produção da razão humana, confiado apenas aos povos europeus (Andrade, 2023), “pois se homem houver nessas paragens, há de ser um homem fundamentalmente inumano” (Mbembe, 2022, p.114). Assim, acompanhando, por exemplo, a compreensão de Achille Mbembe (2022) de que “na ordem colonial, a raça operava como princípio do corpo político, permitindo classificar os seres humanos em categorias distintas, supostamente dotadas de características físicas e mentais próprias”, dessa forma o colonizador se distingue do colonizado.

Tendo sua humanidade sustada, o negro se constitui como a engrenagem essencial do capitalismo, mas é privado do usufruto do seu próprio trabalho. Contudo, apesar do período colonial pertencer ao passado, suas heranças transcendem para os dias atuais, se perpetuam com o avanço do capitalismo provocando a classificação e separação entre seres

---

<sup>9</sup> Assim como Hegel elaborou seu pensamento legitimando a escravidão do povo africano e contribuiu para a produção do racismo, outros filósofos como Locke, Kant e Hume também o fizeram (Andrade, 2023).

humanos, haja vista a luta diária do povo negro pela liberdade, marcada por sofrimento e dor, e movida pela união de homens negros e mulheres negras na busca de um respiro de esperança.

Sufrimento e dor sentidos na pele ao ver a morte brutal de negros e negras, como a do norte americano George Floyd, asfixiado por um policial branco em maio de 2020 na cidade de Minneapolis.<sup>10</sup> Fato que gerou comoção, protestos antirracistas e contra a violência policial, uniu milhões de pessoas pelo mundo todo, clamando por justiça. A vítima estava algemada e debruçada na calçada, “não consigo respirar” repetia George Floyd implorando pela vida ao policial, que permaneceu com as mãos no bolso de sua farda ajoelhado sob o pescoço de Floyd por quase nove minutos até que esse desse seu último suspiro.

O episódio trouxe o retorno do movimento antirracista *Black Lives Matter*, traduzido para o português como Vidas Negras Importam, que teve início no ano de 2014, após outro ato de brutalidade contra o norte americano negro Eric Garner, morto asfixiado com um mata-leão, também por um policial branco.

Isso posto, amplia-se esse encontro com quem mais chegar nesse combate.

---

<sup>10</sup> O leitor poderá acessar a matéria completa através desse link: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/05/27/caso-george-floyd-morte-de-homem-negro-filmado-com-policial-branco-com-joelhos-em-seu-pescoco-causa-indignacao-nos-eua.ghtml>

**“O NEGUINHO”**



LZ

*“O neguinho meteu o carro e deixou, ele fez de sacanagem.”<sup>11</sup>*

Ao pensar num bom combate que se apresente potente à racialização dos corpos negros, se abre uma imagem na imaginação deste pesquisador, que corre pegar um lápis e toma o caderno de desenhos em mãos e, com alguns traços, traz para compor esta dissertação o campeão da maior competição esportiva de automobilismo mundial, a Fórmula 1. O britânico Lewis Hamilton chegou à Fórmula 1 no ano de 2007 e consagrou-se sete vezes como campeão mundial da competição. Não quebrou apenas os recordes das pistas, quebrou a hegemonia de uma única raça num esporte elitizado, tornando-se o único negro já registrado na categoria.

Trazer à cena o inglês heptacampeão da Fórmula 1, Lewis Hamilton, é arrastá-lo para dentro de seu próprio território, que diante de tantas lutas e manifestações da negritude, o piloto tem dedicado a usar o espaço conquistado na competição para manifestar seu engajamento no combate ao racismo no mundo. Apenas um gesto, punho erguido e cerrado<sup>12</sup>, no lugar de gritos ou palavras, o silêncio cujo estrondo ecoa e vibra nos tímpanos daqueles que insistem em acreditar no mito da superioridade racial (Mbembe, 2022). Lewis Hamilton é o piloto que faltava entre os vinte presentes na pista, o piloto que não ergue apenas a bandeira da Inglaterra

---

<sup>11</sup> Palavras desferidas pelo brasileiro Nelson Piquet, ex piloto da formula 1 e três vezes campeão mundial da categoria. Acesse o link: [https://veja.abril.com.br/esporte/lewis-hamilton-responde-em-portugues-a-racismo-de-nelson-piquet-nas-redes/?utm\\_source=google&utm\\_medium=cpc&utm\\_campaign=eda\\_veja\\_audiencia\\_editoria\\_e\\_sporte&gad=1&gclid=Cj0KCQjwmtGjBhDhARIsAEqfDEdo8LeEqN\\_0222FNiT5wOqN7JDNAqkFZX24OdCqPJ32Fv9zc7-4K5gaAitcEALw\\_wcB](https://veja.abril.com.br/esporte/lewis-hamilton-responde-em-portugues-a-racismo-de-nelson-piquet-nas-redes/?utm_source=google&utm_medium=cpc&utm_campaign=eda_veja_audiencia_editoria_e_sporte&gad=1&gclid=Cj0KCQjwmtGjBhDhARIsAEqfDEdo8LeEqN_0222FNiT5wOqN7JDNAqkFZX24OdCqPJ32Fv9zc7-4K5gaAitcEALw_wcB) e confira a matéria completa sobre a manifestação racista de Nelson Piquet.

<sup>12</sup> Gesto eternizado pelo movimento antirracista Panteras negras fundado nos Estados Unidos na década de 60 (Chaves, 2015).

em suas conquistas por ser um inglês patriota, mas que, muito além da bandeira do seu país, leva na cor do seu traje e do seu carro a mesma cor da sua pele. O piloto se mostra ao mundo e às crianças negras como uma possibilidade de ser um caminho para se construir um novo imaginário sobre ser uma pessoa negra, mesmo quando lhe é destituído de seu próprio nome por um termo racista, dito por alguém tentando lhe arrancar a humanidade.

Estava lá este pesquisador, não tão pertinho da pista como gostaria de estar para poder ver o arrojo do grande piloto negro, guiando seu potente Mercedes W14 preto, cuja pintura feita exclusivamente a pedido do piloto, uma referência à sua luta contra o racismo, mas em frente à televisão, como todo domingo de corrida de Fórmula 1. O ano era 2021, no grande prêmio de Silverstone na Inglaterra, casa de Lewis Hamilton, na ocasião, o britânico largou na segunda posição e disputou cada centímetro de pista com o piloto holandês Max Verstappen, buscando a primeira posição. Os dois pilotos acabaram se tocando em uma das curvas ainda na primeira volta e o holandês levou a pior, ficando fora da corrida.

“O neguinho meteu o carro e deixou, ele fez de sacanagem.” Trata-se de um dizer que revive uma cena. Produz sentimentos negativos escondidos bem lá no escuro, no inalcançável da lembrança, mas que vem à tona. ‘Neguinho’, este não é um nome. Porém já ocupou muitas vezes o lugar do nome deste pesquisador e de tantos outros negros e negras neste Brasil.

O brasileiro Nelson Piquet, três vezes campeão mundial de Fórmula 1, “não é racista”, apenas se apropriou de um termo comum em nosso país e substituiu o nome do piloto que mais vezes subiu ao pódio da Fórmula 1. Nem mesmo os sete títulos mundiais conquistados ao longo de sua carreira e toda a fama de ser o maior campeão do automobilismo mundial parecem ter livrado Lewis Hamilton do racismo à brasileira.

Seja institucional, estético ou recreativo “[...] o racismo se dirige ao corpo negro para lhe conferir uma identidade e, a partir dela, uma geografia da vida social que deve ser segregada” (Andrade, 2023, p. 92). “Vamos focar em mudar a mentalidade.” Estas foram as únicas palavras de Lewis Hamilton, em resposta à manifestação racista de Nelson Piquet, quebrando o silêncio com apenas um ruído ensurdecido. Sir Lewis Hamilton, o cavaleiro da ordem do império britânico e também condecorado como cidadão honorário do Brasil, segue sendo o bom combatente nos combates.

Ao disparar essa escrita e cenas de combatentes do meio esportista como elementos compositórios desta dissertação, expressa-se a paixão deste pesquisador pelo esporte mundial e também denuncia um território marcado por constantes manifestações racistas, seja pela torcida ou mesmo por aqueles que são os agentes do espetáculo.



**“NÃO VOU PARAR DE BAILAR”**



LF

É por esse campo de encontros e manifestos distintos que o pesquisador segue tecendo esta escritura, produzindo sentidos junto às experiências singulares de ser negro, experiências de preterimento racial vividas pela negritude (Andrade, 2023), como a que vive o brasileiro Vinicius Júnior<sup>13</sup> na Espanha, um jogador de futebol talentoso que muito cedo foi jogar na Europa.

No entanto, o que deveria ser encarado como dias de espetáculos, dias de expressar a magia do futebol, acalorado pelos cânticos do torcedor apaixonado, tem sido abafado pela voz do algoz torcedor aos gritos de “macaco” direcionados ao jogador Vinicius Júnior, transformando-se em dias de tormento para o jovem negro que é racializado por causa da fisionomia e cor da sua pele.

Para Vinicius Júnior, entrar em campo tem sido ir além do combate pela bola. O jovem brasileiro tem sido obrigado a encarar a marcação acirrada do time adversário e o ódio implacável de uma torcida, uma sociedade que não se conforma com o talento e as expressões corporais de um negro irreverente que se recusa embranquecer. Fatores que causam mais ódio naqueles que buscam no negro uma passividade.

É preciso admirar a força e a coragem de um jovem que, tão longe de casa, tem enfrentado o racismo da sociedade espanhola de cabeça erguida, fora e, principalmente, dentro dos estádios de futebol. Por vezes, o garoto negro parece estar sozinho em campo. Por mais que o jogador aponte para uma massa na arquibancada rival e denuncie a torcida que entoia de forma agressiva em coro lhe chamando de “macaco”, nada parece intimidá-los, até porque, conforme Mbembe (2022, p. 12), ao qual recorro mais uma vez “[...]”

---

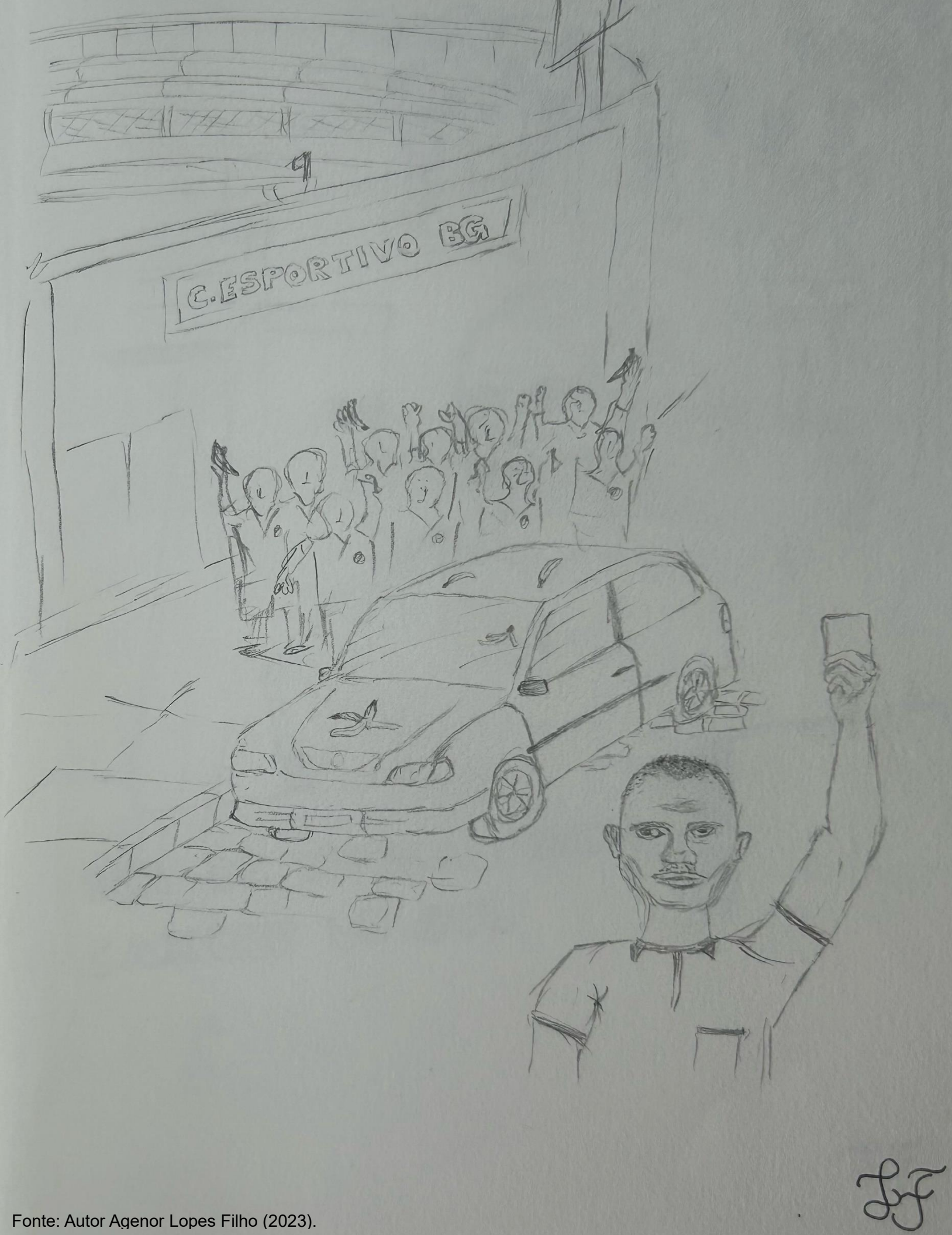
<sup>13</sup> Veja matéria completa sobre o caso em: <https://revistaraca.com.br/o-cinismo-do-racismo-europeu-no-caso-vini-junior/>

o negro e a raça têm sido sinônimos, no imaginário das sociedades europeias”. Essas manifestações racistas colocam o jovem jogador numa espécie de enclausuramento, no entanto, pela força de resistência desse processo de racialização, surge uma negritude que se opõe a esse modelo identitário (Andrade, 2023) ao reivindicar o seu lugar e, dessa forma, Vinicius Júnior assume sua negritude. Pisa no gramado e joga seu bom futebol, extravasa bailando para sua torcida após marcar um belo gol e pinta o mundo do futebol às cores que sonhou. Ao deixar suas marcas, como Pelé o fez, goza da magia do futebol, expressando sua alegria num sorriso contagiante.

O que o jovem Vinicius Júnior faz é apontar para a profunda violência que persiste contra os negros dentro e fora dos estádios de futebol. À vista disso, o que ocorre com o jogador na Europa ou mesmo no Brasil, seu país de origem, onde conheceu o gosto amargo do racismo que se esconde por detrás das máscaras da torcida, é a prova de que, aos negros, ascender socialmente não os livrará do racismo. Viver em uma sociedade racista que apenas veem nos negros corpos inferiorizados é estar constantemente se reinventando numa busca incessante por uma insubmissão. Talvez o jovem jogador já esperasse passar por tamanho embate ao penetrar em território europeu.

**“MALDITA PRINCESA ISABEL”**





Seguindo nessa esteira de manifestações racistas, transporta-se o leitor pelas cenas e pela escrita dos movimentos e experiências de territórios euroamericanos até a terra natal deste pesquisador e local de onde se fazem esses registros, abrindo para o texto uma potente narrativa expressa numa escrita singular e experienciada de forma coletiva com a negritude (Andrade, 2023). Junta-se a essas forças de combate o árbitro de futebol Márcio Chagas.

No futebol, os xingamentos ao árbitro da partida parecem fazer parte do espetáculo, basta uma interpretação divergente da opinião da torcida em um lance que o coro vem abaixo com substantivos e adjetivos diversos, de baixo calão, universalizados pelo torcedor, com uma única exceção: “macaco”, esse é específico para árbitros negros. Para esses homens e mulheres, cabe a associação com o animal primitivo, pois a desumanização historicamente atribuída aos negros como primeiro passo para praticar a violência (Mbembe, 2022) também é empregada dentro dos estádios de futebol. A comparação dos negros para com os animais foi uma prática utilizada pelos europeus na tentativa de relegar aos negros uma humanidade deficitária (Andrade, 2023), daí a tentativa de inferiorizar o negro, inclusive pela escala da evolução.

Na cidade de Bento Gonçalves, o árbitro negro Márcio Chagas viveu mais uma cena cruel de racismo praticada por torcedores, enquanto arbitrava um jogo do Clube Esportivo Bento Gonçalves, partida da série A do Campeonato Gaúcho de Futebol.<sup>14</sup> O jogo ocorrera no Estádio Montanha dos Vinhedos do clube Esportivo. Ao final da partida, o árbitro foi

---

<sup>14</sup> Para saber mais sobre o caso, acesse o conteúdo no GZH Esportes: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/noticia/2014/03/arbitro-marcio-chagas-da-silva-e-vitima-de-racismo-apos-partida-em-bento-goncalves-cj5viv8yb0dfkxbj02ipgrsqc.html>

surpreendido com bananas espalhadas sobre seu carro, que também sofreu avarias na lataria, mesmo o carro estando estacionado em local de acesso restrito, onde o torcedor não teria como penetrar.

O caso desmotivou a vítima a seguir com a carreira de árbitro, que acabou encerrando sua trajetória na arbitragem aos 37 anos de idade. Ainda assim, abandonar os gramados não livrou Márcio Chagas de reviver a violência do racismo. Como comentarista da TV RBS, novamente foi alvo de manifestações racistas enquanto comentava uma partida de futebol, também pelo campeonato Gaúcho, na cidade de Caxias do Sul, cidade vizinha de Bento Gonçalves.

O Observatório da Discriminação Racial no Futebol (2022) registrou 98 casos de discriminação racial envolvendo o futebol no Brasil em 2022. Segundo o documento, dos 25 estados mapeados, mais o Distrito Federal, o Rio Grande do Sul lidera a lista de incidentes registrados no período de 2014 a 2022, com quase o dobro de casos, quando comparado com o estado de São Paulo, segundo colocado na lista.

O racismo parece circular livremente pelos estádios de futebol, onde essas manifestações tendem a se justificar pelo “calor do momento” e acabam por ser amenizadas com discursos apaziguadores. Os xingamentos acalorados dentro dos estádios de futebol, muitas vezes, manifestam o que há de pior no ser humano e sendo este um espaço de convívio social de grandes proporções, não devem, esses atos racistas, serem vistos como uma composição ao espetáculo e sem intencionalidade à barbárie, pois combater o racismo dentro dos estádios de futebol é um exemplo que se dá à sociedade de que não há mais espaço para o racismo.



**“PAI, TEM QUE CORTAR MEU CABELO”**



O autor que traz essa cena também já teve suas experiências de negação da sua própria negritude e compreende a dura luta de sobrevivência contra o racismo que se vive na infância, as marcas de raça, das desigualdades escancaradas desde a infância, de conviver com um processo tenso de abdicação de seus traços corpóreos como uma fuga constante da violência do racismo (Andrade, 2023).

Marcado pelos fenótipos da negritude, como um fenômeno cíclico, o racismo capturou Arthur, que aos cinco anos de idade já estava na alça de mira dos mesmos estereótipos que marcaram a infância do pai. Cabelo pixaim, nego do cabelo duro, bombril. Este pesquisador cresceu ouvindo esses adjetivos. Ser negro por aqui é ser sempre o exótico da vez (Bento, 2002), por bem ou por mal, acaba sempre atraindo a atenção. Diante disso, Gomes (2002, p. 44) ressalta que:

Existem, em nossa sociedade, espaços sociais nos quais o negro transita desde criança, em que tais representações reforçam estereótipos e intensificam as experiências do negro com o seu cabelo e o seu corpo. Um deles é a escola.

A experiência de ser negro, se constitui num processo de racialização dos corpos negros, uma experiência coletiva de dor e de sofrimento, marcada pela hegemonia da branquitude, que institui ao corpo negro o sentimento de inferiorização, uma autopercepção negativa provocada pelo menosprezo da branquitude à raça negra (Andrade, 2023). Ao passar por essa experiência, torna-se um desafio a cura de uma criança negra, ferida pelo discurso de menosprezo da professora, que castra qualquer estímulo a cultivar seu cabelo *black power* e o arrasta para o padrão da branquitude. Ao se perceber diferente e inferiorizado, seu comportamento reativo é de negação ao seu próprio cabelo.

Quando o cabelo é o problema, há uma estratégia para dar conta da insegurança. Aprendemos que para o cabelo pixaim, se for menina, “a chapinha resolve”, se for menino, “passa a maquininha nele, raspa que resolve logo”, não queremos essas marcações em nós. Na verdade, não tem mais que ser assim, os tempos mudaram, a negritude lutou e não ousamos baixar a guarda. Desde cedo precisamos educar nossas crianças para que, a partir dessas experiências negativas, aprendam a sobreviver e a combater o racismo, passando pela aceitação de ser negro.

Desse modo, torna-se desafiador quando sua própria referência paterna não se mostra como um exemplo a ser seguido. Em defesa do pai, os tempos eram outros, faltou quem o fortalecesse, a escola deveria ser o lugar, mas esta não só não o fez, como reforçou e ainda reforça estereótipos, seja com sua literatura infantil branca, seja por seus pensadores eurocêntricos da modernidade (Andrade, 2023). No entanto, se há um lugar que não nos falta representatividade pelo talento e pela ginga, esse espaço é o futebol, uma via de esperança para os que são injustamente cunhados de subalternos ascender socialmente em nosso país.

O futebol se expressa por todas as línguas e na figura de jogadores brasileiros se desenhou uma via possível de fortalecer essa criança e encorajá-la a viver sua infância sem abrir mão do seu cabelo, sua diferença.

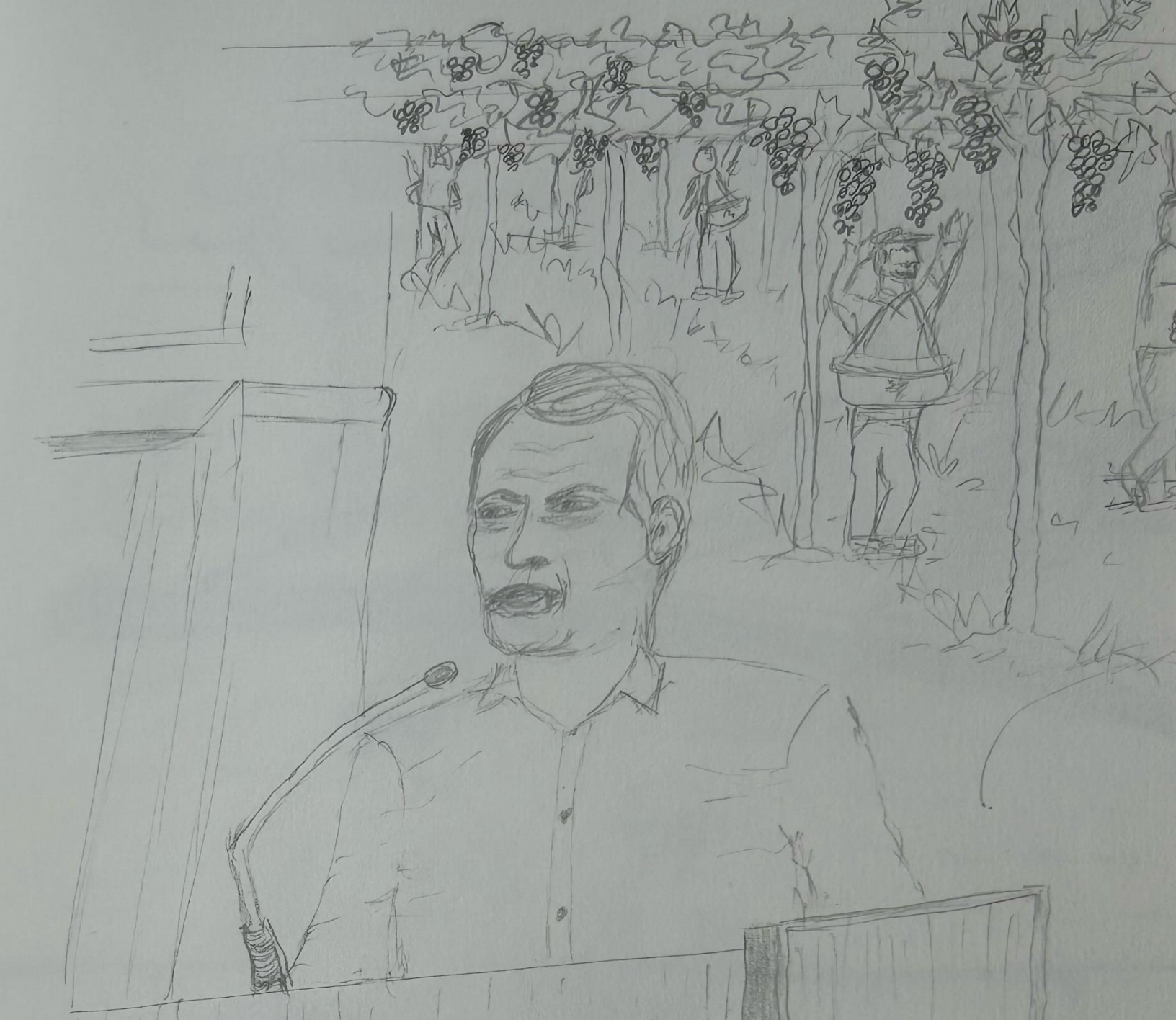
Enquanto desenha-se esta cena, Arthur se aproxima de completar seu décimo aniversário, e o corte de seu cabelo, no modelo *black power*, segue sendo o modo de expressar sua negritude, mas, é verdade que ao longo desse percurso, foram necessárias várias e longas conversas sobre a moda de cortes de cabelo presente no seu meio social.

O fato é que aos poucos vai se compreendendo que os referenciais da negritude não estão por aqui e se constituir negro nessa região acaba sendo

uma luta diária de sobrevivência, justamente pela quase ausência de práticas culturais que contribuam para uma experiência de valorização dos corpos da negritude. Essa travessia e aceitação da sua própria negritude é um processo lento e desafiador. Acompanhar e auxiliar as nossas crianças para que encontrem suas próprias estratégias para lidar com essa violência poderá tornar esse processo menos doloroso.

**“A ÚNICA CULTURA QUE ELES TÊM É VIVER NA PRAIA TOCANDO  
TAMBOR”**





CÂMARA DE VEREADORES  
CAXIAS DO SUL

LF

A narrativa ocidental sobre o negro o transformou no “único de todos os humanos cuja carne foi transformada em coisa e o espírito em mercadoria – a cripta viva do capital” (Mbembe 2022, p. 21). O que por outras linhas pode-se dizer é que a construção do negro pelo ocidente enquanto um ser racializado e selvagem é uma justificativa para escravizar o povo africano, transformando-o na mão de obra de exploração e expansão europeia.

Produto do imaginário europeu, mesmo que a consciência ocidental do negro tenha esse significado degradante e desumanizado, estereotipado e atualmente expressado como formas de violência, ser negro “[...] tornou-se o símbolo de um desejo consciente de vida, força pujante, flutuante e plástica, plenamente engajada no ato de criação e até mesmo no ato de viver em vários tempos e várias histórias simultaneamente” (Mbembe, 2022, p. 21).

É importante o leitor saber que, para Mbembe (2022), a questão do negro “[...] está ligada à história do capitalismo” (Mbembe, 2022, p. 309), que é a força impulsionadora dessas percepções acerca do negro. A partir desse fenômeno, aponto para um tensionamento profundo do autor que, ao elaborar seu pensamento além da sobrevivência do negro à colônia, nos convoca a observar o mundo a partir de uma nova perspectiva e a refletir sobre os novos contornos acerca do “ser negro”.

Se no primeiro capitalismo o negro foi o único de todos os humanos a se tornar mercadoria e moeda, agora na atualidade, com a economia fabricando desastres ambientais, migrações forçadas e a crescente concentração de riquezas, o negro junta-se a outras humanidades subalternizadas pelo mercado através de práticas escravagistas modernas, mesmo “o tempo curto se presta a ser convertido em força produtiva da



forma-dinheiro” (Mbembe, 2022, p. 15). Nessa medida, tudo passa a ter valor de mercado.

A partir dessas configurações, Mbembe (2022, p. 17) destaca que o caráter de “universalização da condição negra é simultânea ao surgimento de práticas imperiais inéditas, tributárias tanto das lógicas escravagistas de captura e predação como das lógicas coloniais de exploração [...]”. Essa lógica do capital apontada pelo autor, não segrega levando em consideração a cor da pele, ou seja, não se restringe aos negros, mas a todo e qualquer ser humano disposto a viver como mercadoria, “*homem-coisa, homem-máquina, homem-código e homem-fluxo*”. O que antes era uma condição reservada aos negros, se estende agora a todas as humanidades subalternas (Mbembe, 2022).

O substantivo negro deixa de remeter apenas às pessoas de origem africana e à essa violência, que anuncia uma nova classe de escravizados na era moderna, é nomeada pelo autor “o devir-negro do mundo”. Um encontro do mundo com o negro constituído na era do primeiro capitalismo “(predações de toda a espécie, destituição de qualquer possibilidade de autodeterminação e, acima de tudo, das duas matrizes do possível, que são o futuro e o tempo)” (Mbembe, 2022, p. 20).

O devir-negro quer dizer que o funcionamento do termo negro está em constante transformação e, numa espécie de deslocamento da imagem do ser negro, estende essa condição a toda a humanidade espoliada pelo capitalismo, uma universalização do ser negro, em outras palavras, os não negros, estão agora se tornando negros.

Há uma lógica que pode ser considerada impulsionadora desse devir-negro do mundo, que se encontra na produção da diferença, na superioridade entre seres humanos abarcados pela crença dos

empreendedores de si, como viés para alcançar lugar de prestígio entre as camadas sociais. Em contrapartida, produz-se mais e mais seres humanos invisíveis, justamente aqueles que não se encaixam nessa lógica do capital, nesse mercado do consumo e, portanto, não servem ao capitalismo, não são empreendedores de si. Apenas trabalham para sua própria sobrevivência, vítimas da austeridade imposta pelo capital, compreendem a massa dos subalternizados, herdeiros de um racismo moderno, se assujeitam a trabalhos em condições degradantes e desumanas.

Inerentes ao pensamento da modernidade filosófica, vemos a sociedade atual ainda cultivando as mesmas diferenças e, como pontua Mbembe (2022, p. 76), “o sujeito racista reconhece em si mesmo a humanidade não naquilo que o torna igual aos outros, mas naquilo que o distingue deles”, assim como evidenciado no discurso do vereador da cidade de Caxias do Sul, Sandro Fantinel, ao afirmar que os baianos não servem para trabalhar e que a cultura desse povo se restringe a viver na praia tocando tambor.<sup>15</sup> O discurso racista do vereador é carregado de um essencialismo regional, ao passo que reduz a cultura do povo baiano e coloca a região sul do país como símbolo de força de trabalho, identidade esta reservada apenas aos descendentes de europeus.

Os baianos, aos quais o vereador desfere esse discurso xenofóbico, percorreram cerca de três mil quilômetros para trabalhar em vinícolas da cidade de Bento Gonçalves e de Garibaldi, durante o período da safra da uva, com promessa de bons salários e alojamentos em boas condições<sup>16</sup>

---

<sup>15</sup> Leia sobre a manifestação do vereador Sandro Fantinel: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2023/02/28/vereador-de-caxias-do-sul-diz-para-vinícolas-nao-contratarem-baianos-unica-cultura-que-eles-tem-e-viver-na-praia-tocando-tambor-video.ghtml>

<sup>16</sup> <https://www.correiobraziliense.com.br/economia/2024/08/6918205-mascara-da-modernidade-brasil-enfrenta-o-flagelo-da-escravidao.html>

para se instalarem durante o período de trabalho, mas foram mantidos em situação degradante e tratados de forma violenta.<sup>17</sup> Os mais de 200 trabalhadores contratados como safristas foram submetidos a trabalho análogo à escravidão nas cidades da serra gaúcha.<sup>18</sup>

A racialização é o elemento central que deu origem ao capitalismo, este, por sua vez, se alimentou por séculos do escravo e, ao observar a contemporaneidade a partir da experiência negra no mundo, Mbembe (2022) resgata uma série de definições acerca do que é ser negro e de como o negro é visto pela sociedade atual. Remover essa condição a que o negro foi submetido, isto é, homem-mercadoria, homem-metal e homem-moeda é desafiar as estruturas de uma sociedade concebida por preceitos étnicos, caráter social esse que apontarei no segundo bloco dessa dissertação.

Diante dessas marcas e horrores da discriminação racial, Mbembe (2022) assinala a necessidade de seguirmos lutando contra o racismo enquanto houver um mundo classificado por raças, uma luta em busca de igualdade e direitos, sem, contudo, romper laços humanos, aliás se:

[...] toda a humanidade subalterna se tornasse efetivamente negra, que riscos acarretaria um tal devir-negro do mundo à promessa de liberdade e igualdade universais da qual o termo negro foi a marca patente no decorrer da era moderna? (Mbembe, 2022, p. 22).

Nesse sentido, o devir negro nos sugere uma luta por liberdade, não apenas entre os negros marginalizados pela cor da pele, mas amplia essa

---

<sup>17</sup> Garibaldi é uma pequena cidade da serra gaúcha e vizinha da cidade de Bento Gonçalves. Assim como Caxias do Sul, essas cidades possuem forte influência da imigração italiana, tendo como setores econômicos predominantes a vitivinicultura e o turismo.

<sup>18</sup> No link é possível acessar a matéria completa sobre o caso dos trabalhadores resgatados em situação de trabalho análogo a escravidão em Bento Gonçalves: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2023/02/27/trabalhadores-resgatados-em-situacao-de-escravidao-no-rs-o-que-se-sabe-e-o-que-falta-saber.ghtml>

busca por justiça social a outros grupos subalternizados de origens não africanas.

Daí a necessidade de ampliarmos o funcionamento do termo negritude, que à vista dessa configuração do termo negro não deve ser entendido como uma identidade fechada em si mesmo, mas uma “negritude como tendência, devir,” (Brayner, 2021 p.12), longe de uma posição essencialista.

Andrade (2023) pontua que essa ideia de identidade é um conceito tecido pelo eurocentrismo e remete a uma identidade fechada, que não reconhece o outro, nega e quer aniquilar a diferença. É nesse ponto que se constrói o pensamento hegemônico do ocidente.

## **CRIANÇAS NEGRAS**

*Nasci pardo, ao menos é o que dizia na certidão de nascimento.*

Quem assim classificou, certamente ignorou os traços corporais da mãe da criança. Embora hoje não faça nenhum sentido essa classificação equivocada e refutada por esse pesquisador, já fora motivo de orgulho, em algum momento, numa dessas rodas de conversa. Ou para se aproximar de algum branco, ou para subestimar algum negro. Com efeito, opero essa escrita com o compromisso de quem chegou na academia e tem o dever de preparar esse território para outros negros, acelerar esse processo de equidade e justiça, compor com as lutas de resistência à subjetivação do negro e a fragmentação da negritude pela violência do pardismo e, quiçá, conduzir outros negros à proclamação de sua negritude (Andrade, 2023).



LF

Ao movimentar esse bloco, anuncia-se a construção do objetivo II dessa pesquisa, que se constitui ao mapear o número de crianças negras matriculadas no primeiro ano da alfabetização (ano 2023), por meio do instrumento de autodeclaração de raça, respondido pelo responsável, no momento da pré-inscrição, nas Escolas Estaduais, do Município de Bento Gonçalves - RS.

Esse movimento pelos territórios da alfabetização provoca um encontro com os dados de autodeclaração de raça das escolas estaduais do município de Bento Gonçalves, e o pesquisador traz para a escrita essa informação importante, presente na ficha do aluno.

Essa informação é respondida no momento de realizar a pré-matrícula da criança no sistema de inscrição para a rede estadual de educação do estado do Rio Grande do Sul, onde os pais devem preencher, além dos dados do candidato, uma questão de autodeclaração racial, cujas categorias são equivalentes ao sistema classificatório adotado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) no censo demográfico.

As opções para esse campo são: Não declarada, parda, branca, preta, amarela e indígena. Ao ser contemplado com a vaga na escola, essas informações migram para o sistema da secretaria estadual de educação. Esse sistema é chamado de ISE (Informatização da Secretaria da Educação) e através dele é possível acessar essas informações por escola.

Faz-se saber que a participação das crianças negras nessa pesquisa não se configura, pelo apontamento do autor, na condição de declarar a criança apta ou não a fazer parte da pesquisa pela cor. Por isso, o pesquisador recorre para os dados de autodeclaração de raça das escolas estaduais, estabelecendo como critério de participação da pesquisa apenas as crianças autodeclaradas como pretos. Vale esclarecer que o termo preto



aparece na pesquisa apenas quando o pesquisador se refere aos dados da ficha de inscrição.

A figura 1 apresenta o modelo da ficha de inscrição preenchido pelos familiares na pré-matrícula na rede de educação estadual.

Figura 1: Ficha de inscrição

ENSINO FUNDAMENTAL - 1º ano (pré-requisito: 6 anos completos até dia 31/03/2025)		Ajuda
<b>Dados do Candidato:</b>		2º Passo (de 4)
Nome Completo do Candidato: ██████████		
Data de Nascimento: ██████████		
Nome Completo da Mãe: ██████████		
Possui Irmão(ã) Gêmeo(a): Não		
Município para a Matrícula: BENTO GONCALVES		
Documentos do Candidato ou Responsável Pela Inscrição		
CPF: ██████████		
Carteira de Identidade: ██████████		
<i>Para segurança e autenticidade das informações, estamos registrando, junto com a sua inscrição, a identificação do seu computador.</i>		
Informações Adicionais		
CPF do Aluno ██████████	CPF da Mãe ██████████	
Sexo [ ]	Estado Civil [ ]	Raça [ ]
E-mail [ ]	Número NIS [ ]	
<small>(para receber confirmação da inscrição e informações de matrícula)</small>		

Fonte: site SEDUC na aba Matrículas (2024).

Tendo conhecimento da existência dos dados da ficha de inscrição e as experiências deste pesquisador negro e seu filho Arthur, problematiza-se a pesquisa questionando: O que dizem as crianças negras matriculadas no segundo ano da alfabetização nas escolas estaduais da cidade de Bento Gonçalves – RS sobre a negritude? O pesquisador procura dimensionar numericamente quantas crianças negras, ou melhor, que são autodeclaradas pretas, para trazer um mapeamento do território dessas crianças matriculadas na alfabetização das escolas estaduais de Bento Gonçalves, no sentido de localizar as crianças negras ainda no primeiro ano da alfabetização no período de 2023.

Por não se tratar de dados públicos, a solicitação dessas informações deu-se através de Termo de Autorização Institucional enviado ao Coordenador da 16ª Coordenadoria Regional de Educação, localizada nesta mesma cidade, pois o desenrolar dessa pesquisa passa necessariamente pelo acesso a esses dados. Por meio dessa informação, foi possível dar sequência na pesquisa, sabendo-se do número de escolas que atendem às turmas de alfabetização, bem como a quantidade de alunos autodeclarados pretos nas escolas estaduais de Bento Gonçalves, frequentando o 1º ano da alfabetização.

É importante esclarecer que as crianças às quais os dados a seguir se referem, no período de 2023, estão cursando o segundo ano da alfabetização no ano de 2024. Esses dados foram levantados com antecedência para saber o número aproximado de crianças negras que participariam do ateliê-negritude que ocorre nessa pesquisa, estando o pesquisador ciente de que poderia ocorrer alguma alteração no número de crianças negras no segundo ano da alfabetização em 2024, em decorrência de transferências para outras escolas por motivos diversos.

A tabela a seguir apresenta os dados de autodeclaração racial, por escola. Por questões de sigilo das informações, o nome da escola foi substituído e representado por letra alfabética, seguido do número de alunos e da resposta da pergunta sobre a autodeclaração de raça.

Tabela 1 - Autodeclaração de raça

<b>ANO BASE 2023</b>	<b>Não declarada</b>	<b>Parda</b>	<b>Branca</b>	<b>Preta</b>	<b>Amarela</b>	<b>Indígena</b>	<b>Total alunos 1º ano por escola</b>
<b>Escola A</b>	0	6	28	2	0	0	<b>36</b>
<b>Escola B</b>	8	0	1	0	0	0	<b>9</b>
<b>Escola C</b>	7	0	18	1	0	0	<b>26</b>
<b>Escola D</b>	1	5	17	1	0	0	<b>24</b>
<b>Escola E</b>	23	2	5	1	0	0	<b>31</b>
<b>Escola F</b>	12	1	5	0	0	0	<b>18</b>
<b>Escola G</b>	2	4	11	0	0	0	<b>17</b>
<b>Escola H</b>	0	6	8	0	0	0	<b>14</b>
<b>Escola I</b>	0	6	33	6	0	0	<b>45</b>
<b>Escola J</b>	7	3	38	6	0	0	<b>54</b>
<b>Escola K</b>	12	6	28	3	0	0	<b>49</b>
<b>Escola L</b>	0	7	19	0	0	0	<b>26</b>
<b>Escola M</b>	1	4	16	0	0	0	<b>21</b>
<b>Escola N</b>	0	0	0	0	0	1	<b>1</b>
<b>Total alunos por raça</b>	<b>73</b>	<b>50</b>	<b>227</b>	<b>20</b>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>371</b>

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Ao levantar esse estudo, foram observados apenas os dados que se referem aos alunos do primeiro ano da alfabetização, matriculados nas escolas estaduais situadas no município de Bento Gonçalves, parte que nos interessa nesta pesquisa, para o ano de 2024.

Os dados nos mostram um total de 14 escolas estaduais espalhadas pelo território dessa cidade que ofertam o período da alfabetização. É importante ressaltar que entre as 14 escolas, uma está situada em território indígena, sendo composta exclusivamente por alunos autodeclarados indígenas. Portanto, a pesquisa discorre apenas a respeito do que dizem os

dados em que os responsáveis declaram que a raça da criança matriculada na escola é preta. A tabela 2 abaixo ilustra melhor esse cenário.

Tabela 2 - Mapa das escolas

Escolas Estaduais de Bento Gonçalves que ofertam anos iniciais	14
Número total de alunos matriculados no 1º ano em 2023	371
Total de turmas de 1º ano	17
Escolas com presença de alunos autodeclarados Pretos	7
Número total de alunos autodeclarados Pretos	20

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Observando a tabela 2, o pesquisador se depara com um dado importante a ser apontado acerca da presença da negritude autodeclarada nas escolas estaduais de Bento Gonçalves. Entre as 14 escolas que ofertam o primeiro ano da alfabetização, somam-se 17 turmas deste ano curricular, correspondendo a um número total de 371 estudantes matriculados. Dentre essas 14 escolas, apenas 7 delas possuem crianças que foram autodeclaradas pretas no período observado e, dentre os 371 alunos, os dados nos mostram 20 autodeclarados como pretos, matriculados e cursando o primeiro ano da alfabetização.

Diante desses dados de presença de pessoas pretas em Bento Gonçalves, tensiona-se, a partir do conceito da razão negra apontado pelo pensador africano Achille Mbembe (2022), a razão negra como uma certa consciência do que é ser negro dentro da instituição escolar, para estas crianças negras que estão situadas em território hegemonicamente branco, ao se perceberem com suas próprias diferenças raciais e a tensa relação da razão negra, do ponto de vista da branquitude.

A razão negra que tensionamos aqui, é o modo como historicamente os negros são percebidos pela branquitude, uma identidade negra construída pelo colonialismo, e que inerentes a essa construção do período da escravização, ainda vemos a sociedade vinculando o negro a esse significado degradante e desumanizado, estereotipado e atualmente expressado como formas de violência estruturada pelo racismo.

Estes dados numéricos nos fazem problematizar sobre como reconstruir, nesse território, uma noção de negritude que não se reduza a essa identidade construída pelo colonizador, e nesse ponto, a razão negra, do ponto de vista da negritude, seja experienciada como um espaço de resistência, numa perspectiva dessa negritude, que vive as referências majoritariamente da perspectiva do colonizador, a saber, a cultura da imigração italiana, da serra gaúcha. É nesse cenário que se desenvolve essa pesquisa e é com essas crianças que o pesquisador se faz cartógrafo.

Estando o cartógrafo diante dessa autodeclaração de presença preta, de força pela negritude nesse território escolar, tensiona por uma proposta de pesquisa para estar com essas crianças por meio de um ateliê.

A negritude está presente na região da uva e do vinho, parte da tradição desta região da serra, de força turística e com princípios da fé católica, do trabalho rural e família nuclear patriarcal. Ela se constitui nas comunidades desta região e também faz-se por meio de movimentos implicados no combate ao racismo e em enaltecer a cultura da negritude, a exemplo da comunidade *Educativa e Cultural 20 de Novembro* e do *Movimento Negro Raízes*, este último comprometido em combater os diversos focos de racismo evidenciados pelos territórios da serra gaúcha, comunidade essa em que o cartógrafo reside.

Para melhor situar o leitor, reitero que essa escrita se faz na cidade de Bento Gonçalves, serra gaúcha, território onde há um forte etnocentrismo. Cidade a qual é conhecida comercialmente e turisticamente como a terra da uva e do vinho, e por suas culturas de imigração europeia, de farta culinária e arquitetura que nos remete à Itália, um orgulho da comunidade local. Isso nos leva a um ideal importante.

A comunidade de descendentes dos imigrantes italianos acredita no princípio da diferença a partir dessas características étnicas ou mesmo regionais e esse valor social toma proporções impactantes à medida que a população de brancos nessa região é muito superior à população de negros.

Essas características podem ser excludentes, uma vez que produzem diferença, inferioridade étnica e de raça. Portanto, esse combate se faz de um lugar marcado por pessoas que se veem superiores socialmente, economicamente e culturalmente, que supervalorizam a descendência europeia e discriminam brasileiros de outras regiões<sup>19</sup>, sendo politicamente um reduto bolsonarista.<sup>20</sup>

Faz-se saber que a região sul do Brasil passou por um processo de imigração de forma significativa, principalmente de europeus e hoje a tradição e cultura europeia estão enraizadas nesse território.

Evidencia-se, assim, um desafio de se efetivar por aqui uma educação na perspectiva da negritude de força antirracista (Silva, 2015), que só é meramente possível a partir do conhecimento da cultura de outros povos.

---

<sup>19</sup> Ver reportagem em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/geral/noticia/2023/02/prefeito-de-bento-goncalves-diz-que-pratica-nao-representa-o-setor-vitivinicola-na-regiao-cleob422a003f016mcmkp719b.html>

<sup>20</sup> Ver em: <https://infograficos.oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2022/mapa-votacao-municipios-e-estados-do-brasil.html#/presidente?desempenho=individual&estado=RS&municipio=4302105&candidato=Jair+Bolsonaro>

Como bem pontua Gomes (2021, p. 437):

Quando a educação insiste em reforçar a ideia de civilização como algo próprio do mundo Ocidental; quando trabalha com a lógica de que a ciência ocidental é a única forma de conhecimento legítimo e validado; quando subjuga os conhecimentos produzidos no eixo Sul do mundo a meros saberes rudimentares; quando reforça valores, idiomas, padrões estéticos e culturas ocidentais e urbanas, apagando a diversidade de formas de ser e de constituição linguística, de formas de Estado, de processos culturais e políticos; quando despreza os conhecimentos locais, não ocidentais, as culturas produzidas pelos setores populares, as religiões que não se baseiam na visão cristã de mundo e a diversidade de heranças e memórias, ela atua de forma excludente e violenta. E ao fazer isso, organiza-se, reproduz e perpetua a colonialidade.

Com a tendência de valorização das características físicas mais próximas do padrão europeu branco, ficam-se barreiras para o povo negro que reside neste território, pois quando uma etnia prevalece hegemonicamente em uma sociedade, pode ser geradora de tensões, sejam nos aspectos da vida social, econômica ou política, estabelecendo-se um padrão imposto pela cultura do grupo étnico predominante que faz sua manutenção de exclusão também pelo funcionamento de suas instituições. A escola é uma das suas forças de hereditariedade dos princípios e valores desta branquitude da serra gaúcha.

Destaca-se, no entanto, que não se trata de uma acusação direta, mas um apontamento das estruturas sociais e institucionais, feita por um negro que nasceu e reside nesse território há 40 anos e experimenta sua negritude, agora pela perspectiva também de seus filhos.

Convém dizer que a prerrogativa de oferta desse território para imigrantes europeus deu-se a partir da ideologia de progresso social brasileira que se difundiu entre os séculos XIX e grande parte do século XX. Que não só retardou o processo de abolição do período escravagista, como



serviu de lastro para apagar os rastros da negritude na sociedade (Munanga, 1999).

A ideologia do branqueamento no Brasil acreditava no nascimento de uma nova raça, “[...] mais branca fenotipicamente, embora mestiça genotipicamente. Assim desapareceriam índios, negros e os próprios mestiços, cuja presença prejudicaria o destino do Brasil como povo e nação” (Munanga, 2003, p. 10). Conforme Andrade (2023), o discurso de que o negro não servia para o processo de industrialização do país deu início a um projeto de povoar o território brasileiro num movimento imigratório de europeus, para embranquecimento da população, acarretando na marginalização do negro, provocando sua subalternização e, como alternativa de sobrevivência, restou “vestir a máscara branca e se desviar do destino mortal do ser negro” (Andrade, 2023 p. 79).

Assim, mascarar-se de branco, como pontua Andrade (2023), e a quem recorro mais uma vez, é uma forma encontrada para neutralizar as ofensas do racismo. Autodeclarar-se pardo, mesmo sendo negro, é apresentar uma defesa e uma resistência diante da negrura, afirmando um distanciamento da realidade pobre em que a sociedade negra vive.

Convém ainda demarcar que a ideologia do branqueamento, instituída no Brasil, proporcionou um colorismo de raças no nosso país que, apesar da ideia do branqueamento da população ter fracassado fisicamente, hoje ela cumpre um papel no inconsciente coletivo brasileiro, levando a uma discriminação até mesmo dentro do mesmo grupo racial, pela preferência com base na tonalidade da pele e assim diminuindo a força do movimento negro (Munanga, 1999).

Conforme situa a obra da psiquiatra e psicanalista Neusa Santos Souza (1983, p. 34), “na construção de um Ideal de Ego branco, a primeira regra

básica que ao negro se impõe é a negação, o expurgo de qualquer ‘mancha negra’”. Nesse contexto, é célere uma política educacional que preconize valores democráticos e de equidade em um território que conserva diferenças de ordem social, econômica, racial de gênero e de oportunidades.

Os desafios enfrentados por essas crianças negras, sendo elas as únicas na sala de aula, podem ter impactos emocionais e sociais, uma vez que podem ser alvo de racismo e discriminação, tanto de colegas quanto, em alguns casos, de professores, como já relatado nesse estudo. Ao se constituírem em um ambiente hostil, esses atravessamentos vividos em seu processo de socialização geram marcas que acabam por anular a expressão de sua negritude e por prejudicar o desenvolvimento dessas crianças. Neste sentido, destaca Gomes (2021, p. 444) que:

Na educação, a naturalização do racismo e das desigualdades raciais contribuem para negar ou omitir o fato de que esses fenômenos perversos foram construídos nos processos sociais, históricos e políticos de dominação colonial, cuja colonialidade perdura até hoje. Esse jogo complexo, que se dá imerso em complexas relações de poder, não contribui em nada na construção de uma pedagogia da diversidade e acaba reforçando os seculares preconceitos contra as pessoas negras. Não faz a educação avançar em uma perspectiva emancipatória, antirracista e descolonizadora.

A negação da própria cor está intrinsecamente ligada às complexidades das relações raciais em nosso país e seu combate envolve a ascensão da conscientização sobre a diversidade racial e o incentivo a aceitar todas as tonalidades de pele. Para isso, é muito importante que se enraíze, de um modo geral, atitudes voltadas para a desconstrução de estereótipos, para uma representação positiva da negritude e que haja a promulgação de políticas que combatam a discriminação racial. Combater o colorismo

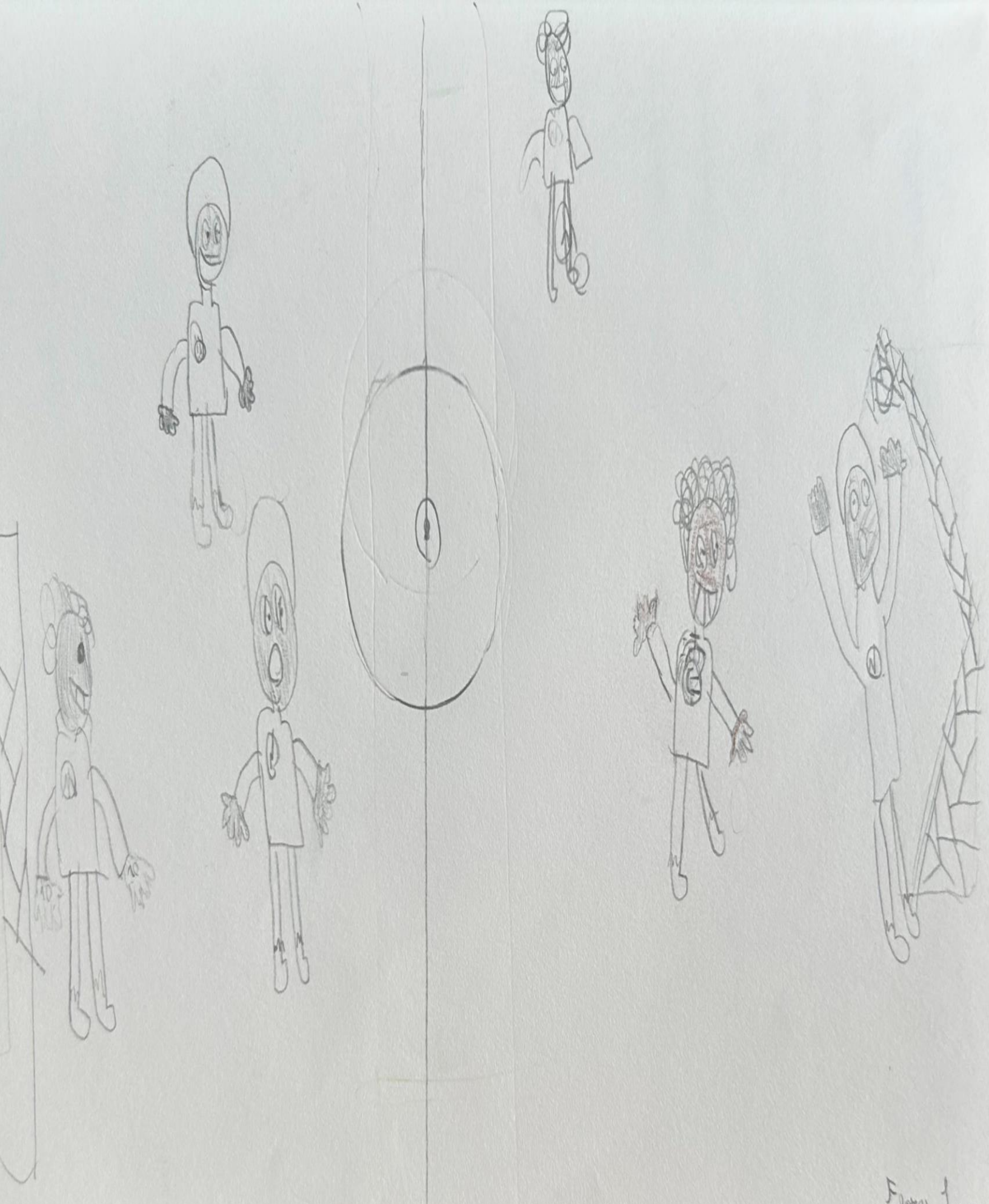
(Munanga, 1999) vai ao encontro da busca por uma sociedade mais justa e igualitária, onde todas as pessoas sejam reconhecidas e valorizadas independentemente de sua cor de pele.

Pensa-se, ser com essa compreensão, que Andrade (2023) suscita, com sua obra *Negritude sem Identidade*, a condução de outros negros à aceitação da cor e vivenciar a experiência de ser negro, entregando-se a uma experiência corporal que só pode ser vivida pelo negro e livre de uma identidade colonial. Assumir-se negro pondo um fim a esse projeto de apagamento do negro pelo pardo. Quem sabe assim os dados futuros sobre as crianças negras na alfabetização possam nos dizer mais da força da negritude operada também pela educação.

## **MODOS DE FAZER A CARTOGRAFIA**

Arthur diz:

Olá, meu nome é Arthur, sou um menino negro e tenho 9 anos. Quero contar para vocês uma cena que aconteceu comigo quando eu tinha 5 anos de idade. Desde que nasci, meu pai sempre me incentivou a usar meu cabelo que é crespo, num estilo bem grandão. Nada de passar a maquininha e raspar. Quando eu tinha 5 anos, minha professora me falou que meu cabelo era feio e por isso eu deveria cortar. Eu me senti triste. Em casa, tomando banho com meu pai, eu falei que queria cortar meu cabelo porque era feio. Meu pai, sem entender, me perguntou o que havia acontecido para eu pensar assim. Então, contei o que minha professora tinha falado. Ele conversou comigo e me explicou que ser diferente é normal, e me mostrou algumas pessoas que tinham o cabelo igual ao meu, como o jogador de futebol Marcelo, que jogava na seleção brasileira. Meu pai me mostrou como aquelas pessoas eram bonitas, pois mantinham seu cabelo grandão e não se importavam em ser diferentes, assim como eu, que era o único menino cabeludo na escola. Daquele dia em diante passei a amar meu cabelo e não me importar com o que as pessoas poderiam pensar sobre ele. Eu tenho meu cabelo grandão até hoje, corto ele, mas deixo sempre grande, amo ele muito e cuido dele com muito carinho.



Flores Lopes

Fonte: Arthur Flores Lopes, filho deste pesquisador (2024).

Arthur, filho deste pesquisador, vivenciou sua primeira situação racista nos primeiros anos da escola, no período da educação infantil. Neste período, a criança ainda não sabe se comunicar pela escrita alfabética, com isso, optou-se pela realização da pesquisa no período da alfabetização, por ser uma fase em que as crianças estão ampliando as experiências vividas na educação infantil, compreendendo com mais clareza o tema da pesquisa, além de saber se expressar com mais facilidade pelo desenho e oralidade.

Como procedimento para a tentativa de operacionalizar o conceito de negritude com as crianças negras do segundo ano de alfabetização, seguiu-se como processo de pesquisa a cartografia, não como método de aplicação, mas enquanto experimentação, em busca de vestígios, pistas a serem cartografadas, num processo investigativo que não tem um propósito de elucidar um problema de pesquisa, nem mesmo sua interpretação. A partir dessas pistas, surge a ideia de ação. Trata-se de um conjunto de ações executadas junto aos participantes da pesquisa, debatendo várias questões em torno da ideia de uma hierarquia de saberes “pesquisador e pesquisado”, autorizando-se o abandono da imparcialidade do pesquisador (Cordeiro, 2022). O encontro do pesquisador e pesquisado ocorre mediante a escolha de estar, por meio de ateliês que se compõe com a proposta do método cartográfico da pesquisa, e se faz o registro do que acontece quando somos arrastados pela violência racial institucionalizada.

Sendo os ateliês um tempo de experiência, espaço-tempo de produção inventiva, que permitem micro movimentos do que acontece quando as crianças escutam o que escreveu o Arthur sobre sua experiência racista na escola, a cartografia desta pesquisa ocorre no que se denomina de ateliês-negritude e têm o objetivo de mapear o que dizem as crianças negras sobre a negritude.

Durante o processo de realização da pesquisa no ano de 2023, como já descrito no segundo bloco dessa escrita, somavam-se 20 (vinte) crianças negras, que no período de 2024 estão matriculadas no segundo ano da alfabetização, nas 7 (sete) escolas estaduais de Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul, em que os dados mostram a presença dessas crianças autodeclaradas pretas.

Por se tratar de uma pesquisa envolvendo crianças, além do termo de autorização institucional enviado à 16ª Coordenadoria Estadual de Educação solicitando a autorização para a realização da pesquisa com os alunos das escolas estaduais, também foram solicitados os consentimentos legais das escolas e dos pais e, para isso, foi redigido Termo de Consentimento Livre Esclarecido para os pais ou responsáveis pelas crianças e também para as crianças assinarem, concordando com sua participação nos ateliês.

O documento deixa esclarecida a forma de realização da pesquisa e o direito das crianças de se retirarem dela, caso não se sentissem confortáveis durante a realização dos ateliês-negritude. Foi disponibilizado também o Termo de Sigilo e Confidencialidade, que explicita o sigilo dos nomes das crianças negras, mencionando apenas o uso dos materiais produzidos nos ateliês-negritude para fins de pesquisa acadêmica.

Por conta destas autorizações, foi realizada uma visita inicial às escolas, onde os termos foram entregues às crianças, para então, somente após as autorizações assinadas, dar continuidade à pesquisa. Esses documentos esclarecem o comprometimento do pesquisador com a pesquisa e a responsabilidade com os participantes, para que os encontros se efetivem dentro do espaço escolar.



Após as crianças retornarem para escola com os termos assinados, seguiu-se com o agendamento, com a equipe diretiva de cada escola, das datas e horários que aconteceriam os ateliês-negritude.

Durante esse processo, foi constatado que, das 20 (vinte) crianças negras mapeadas no primeiro ano da alfabetização em 2023, 5 (cinco) deixaram de frequentar as escolas mapeadas, por motivos de transferências para escolas de outra rede e cidades, permanecendo 15 (quinze) crianças para participar do ateliê. Entre essas, (2) duas não receberam autorização dos pais para participar da pesquisa e 3 (três) não devolveram para escola os termos assinados. Sendo assim, a pesquisa teve o aceite de 10 (dez) crianças negras que participaram dos ateliês-negritude e um total de 5 (cinco) escolas.

A tabela a seguir pode melhor demonstrar o funcionamento desses dados ao leitor.

Tabela 3 - Mapeamento crianças autodeclaradas pretas

Crianças mapeadas no 1º ano da alfabetização autodeclaradas pretas em 2023	20
Crianças autodeclaradas pretas que seguiram matriculadas nas escolas mapeadas. Agora cursando o 2º ano da alfabetização em 2024	15
Crianças autodeclaradas pretas que deixaram de frequentar escolas mapeadas em 2024	5
Crianças autodeclaradas pretas que não receberam autorização dos pais para participar do ateliê-negritude	2
Crianças autodeclaradas pretas que não devolveram o termo de autorização assinado para participar do ateliê-negritude	3
Escolas com presença de alunos autodeclarados pretos em 2024	5
Quantidade de ateliês-negritude realizados	5
Número total de alunos autodeclarados pretos em 2024 que participaram dos ateliês-negritude	10

Fonte – Elaborado pelo autor (2024)

Como procedimento para a montagem e preparo desses encontros, após horários agendados em cada uma das escolas, foram efetivados cinco (5) ateliês-negritude com duração de trinta minutos cada, nos quais o cartógrafo explicou para as crianças que aquele encontro se tratava de uma pesquisa para saber o que as crianças negras dizem e, ainda, que a ideia de pesquisar e querer saber o que as crianças negras dizem se manifestou quando Arthur, filho do pesquisador, escreveu e desenhou uma situação que aconteceu com ele na escola.

O pesquisador contou às crianças o que disse Arthur ao viver a própria cena de racismo, aos cinco anos de idade, na escola. São dizeres de uma criança negra para outra criança negra, registrados em uma folha de papel Canson, acompanhado de um desenho também feito por Arthur.

O objetivo de contar o que se passou com Arthur para as crianças da pesquisa era fazer com que elas se sentissem confortáveis e seguras para

se manifestarem e exporem seus próprios dizeres, para que estes compusessem à produção do Arthur, afinal, elas estariam ouvindo o que dizia uma outra criança, e assim se concretizou. Para isso, o pesquisador convidou as crianças a escreverem e/ou desenharem, entregando a elas uma folha Canson, um lápis preto e uma borracha.

A maior parte das crianças pesquisadas apenas desenharam em suas folhas, então o pesquisador solicita se elas preferiam conversar, caso quisessem dizer alguma coisa para Arthur, e assim tomou-se o registro da oralidade desses encontros em livreto de anotações pessoais, potentes registros singulares.

Ao finalizar a atividade em cada ateliê-negritude, o pesquisador pediu permissão às crianças para levar a escrita e/ou desenho, mostrar a Arthur e colocar na pesquisa, junto com os outros desenhos, escritas e/ou relatos de outras crianças.

## ENCONTRO DOS DIZERES

Como a partitura do pandeiro que de compasso em compasso compõe um samba, essa escrita vai se compondo junto aos movimentos cartografados nos ateliês-negritude. São registros que acontecem pelos dizeres das crianças negras capturados para compor cada linha não linear escrita pela mão do cartógrafo. As imagens não representam, não ilustram, são deslocamentos, como a virada do pandeiro, elas são textos.<sup>21</sup> Nessa levada, o leitor será conduzido para cada uma das cenas dos cinco ateliês-negritude, seguindo o ritmo de seus acontecimentos.<sup>22</sup> Eis a inflexão dessa escrita, ao eleger como ponto de fuga a visibilidade das crianças negras “[...] que criam e recriam sua existência, mesmo em situações duras de desigualdades que a elas impõe tão cedo árduo aprendizado de luta pela sua própria sobrevivência” (Gomes; Araújo, 2023, p. 16).

Ateliê-negritude I – encontro com duas (2) crianças, estudantes de uma escola localizada num bairro de periferia.

Ateliê-negritude II - encontro com três (3) crianças de origem haitiana, estudantes de uma escola de periferia.

Ateliê-negritude III - encontro com três (3) crianças haitianas, estudantes de uma escola localizada em bairro de classe média da cidade de Bento Gonçalves.

Ateliê-negritude IV - encontro com uma (1) criança, estudante de escola localizada em bairro mais afastado do centro da cidade, porém

---

<sup>21</sup> A virada do pandeiro é como um enfeite musical que pode ser de improviso, realizado com o instrumento para dar mais graça à música quebrando seu ritmo original.

<sup>22</sup> Para preservar as identidades das crianças, o pesquisador utiliza nomes fictícios na escrita, mas, para melhor situar o leitor na cena dos ateliês, os nomes fictícios condizem com a nacionalidade das crianças, conservando assim a origem dos nomes.

apresentando estrutura habitacional diversificada, um misto de classes sociais.

Ateliê-negritude V - encontro com uma (1) criança estudante de escola localizada na divisa entre bairro de classe média com bairro de periferia.

05 de julho

Steliê - megritude

1

Leonardo

Não lembra de passar por situações semelhantes a do Arthur

- A mana é bronca mas gosta de mim.

- A mãe é bronca

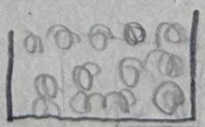
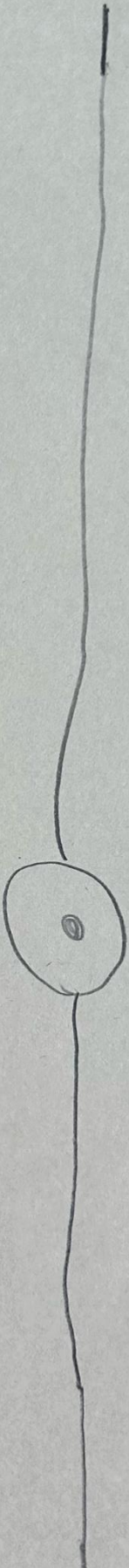
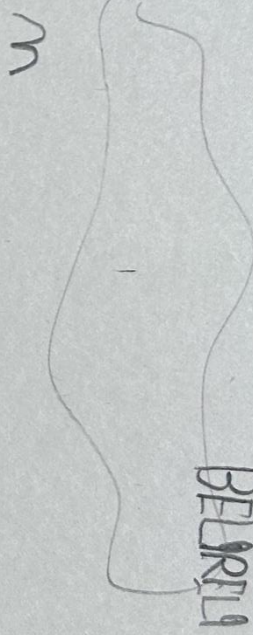
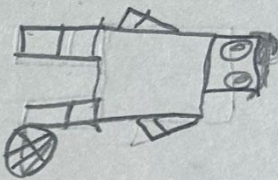
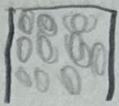
Bernardo

Não lembra de passar por situações semelhantes a do Arthur

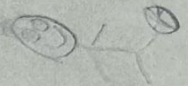
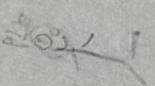
gosta do Vinícius

A mãe é bronca



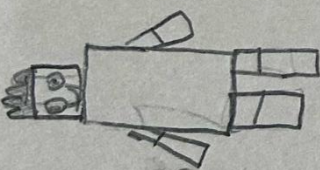


m



m

BEKRIJA





*“Minha irmã é branca, mas ela gosta de mim.”*

### **Leonardo e Bernardo**

Ao assumir tecer esta cartografia a partir dos ateliês-negritude, interessa-se em explorar os atravessamentos no vivível das crianças negras pelos dizeres nos ateliês, muitas vezes surpreendendo o cartógrafo pela potência do inesperado, mostrando que não se podem formular hipóteses ao investir no processo cartográfico com as crianças.

Nesse sentido, é a partir desse método que o cartógrafo problematiza os achados no ateliê-negritude I, que acontece numa escola da periferia da cidade de Bento Gonçalves com dois meninos. A supervisora da escola reservou uma pequena sala de reuniões para esse encontro.

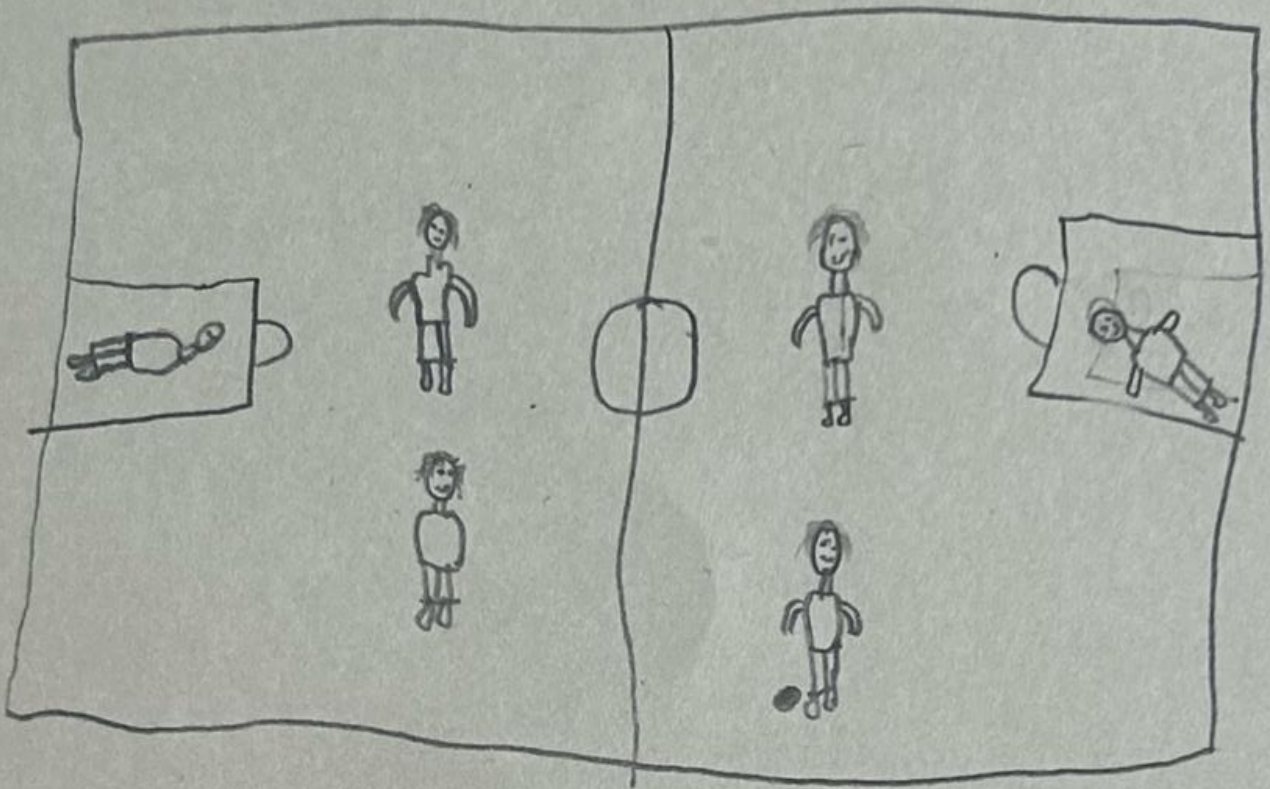
Os meninos entram na sala, ajeitam-se nas cadeiras um de frente para o outro. O primeiro ateliê-negritude é um momento tenso até para o cartógrafo e, assim que todos se acomodam, inicia-se uma sequência de diálogos que explicam aos dois meninos o motivo de estarem todos ali naquela sala. Desde logo, são iniciadas as apresentações com a leitura dos dizeres de Arthur e a entrega da folha Canson, acompanhada de um lápis e de uma borracha para as crianças utilizarem no ateliê.

Leonardo e Bernardo, é assim que se chamam. As duas crianças estão atentas, pensando em por onde começar, até que Leonardo dá pistas de ter tido uma ideia para esboçar os primeiros rabiscos na folha. Bernardo espia o desenho do Leonardo, agora, ambos estão desenhando, desenhos parecidos, mas cada um dá o seu traço particular.

Antes que finalizem o desenho, pergunto se já sabem escrever, quebrando assim o silêncio da sala, e ambos sinalizam que sim, respostas curtas, fazendo com que o cartógrafo fizesse uma nova pergunta. Dessa vez

a tentativa é fazer com que escrevam algo para que Arthur possa ler. Leonardo e Bernardo respondem que não tem nada para escrever a Arthur, um seguido do outro, vão completando que não lembram de passar por alguma situação como a que Arthur passou.

Embora a cor da pele os identifique negros, os meninos não possuem cabelos crespos, essa diferença em seus corpos lhes confere a alforria e os distancia de serem capturados pelo racismo que ataca os cabelos crespos das pessoas negras. Pelo menos, neste ateliê é o que se percebe, enquanto estivemos juntos.



Entre uma conversa e outra, os meninos consideram importante dizer que são negros, mas que suas mães são brancas. Leonardo diz que sua mãe conversa sobre isso com ele e que ele não vê problema nisso. As duas crianças dizem que pertencem a famílias inter-raciais, o que pela autodeclaração de raça na ficha de inscrição dos meninos indica que nesse contexto familiar não há uma negação da cor, já que consta no documento da pré-inscrição que ambos estão autodeclarados como pretos, sendo este um dado importante que vai na contramão de estudos que trazem a realidade de famílias onde mães não aceitam que seus filhos, oriundos de relações inter-raciais<sup>23</sup>, assumam suas negritudes.<sup>24</sup>

No entanto, as pistas encontradas no ateliê apontam para a hierarquização da relação afetiva de Leonardo com a irmã, mediada pela cor da pele, manifestada pelo dizer do Leonardo: “minha irmã é branca, mas ela gosta de mim”.

Nessa acepção, o registro de Leonardo parece-me consoante aos dizeres de Andrade (2023), ao destacar o funcionamento do preterimento racial sob os corpos da negritude.

O preterimento racial é a experiência de reconhecer no próprio corpo marcadores sociais e historicamente construídos para servir de subterfúgio a sua exclusão. Em outras palavras, é a autopercepção do corpo negro como um lugar diferente porque incompatível, em alguma medida, com a vida social governada pelo padrão hegemônico da branquitude. Nessa perspectiva, o racismo projeta no corpo negro uma memória de preterimento. Ele condiciona a forma pela qual a pessoa negra percebe o próprio

---

<sup>23</sup> Freitas, R. de C. dos S., & D’Affonseca, S. M.. (2023). O Racismo Enraizado nas Famílias Inter-Raciais de São Paulo. *Psicologia: Ciência E Profissão*, 43, e244897. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003244897>

<sup>24</sup> SCHUCMAN, L. V.; GONÇALVES, M. M. Racismo na Família e a Construção da Negritude: Embates e Limites entre a Degradação e a Positivção na Constituição do Sujeito. *ODEERE*, [S. l.], v. 2, n. 4, p. 61-83, 2017. DOI: 10.22481/odeere.v0i4.2366. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/view/2366>. Acesso em: 26 ago. 2024.

corpo à medida que determina que esse corpo tem que se reconhecer como negro antes mesmo de se reconhecer como humano (Andrade, 2023, p. 95).

A oralidade dessas duas crianças registrada pelo cartógrafo aponta para os grupos de uniões inter-raciais em nosso país que se constituem por relações entre pessoas de diferentes raças. Esse movimento cartografado transita pelas considerações feitas a respeito da mestiçagem por Kaberle Munanga, na obra “Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra (1999)”.

Trazer Munanga (1999) para o ateliê-negritude é apontar que os dizeres de Leonardo e Bernardo permitem tensionar nessa escrita, a produção de inferioridade, na estrutura das relações inter-raciais, do ideário de branqueamento da população brasileira dos séculos XIX e XX, como já referido nesse estudo, por vezes estabelecendo algum grau de hierarquias dentro do próprio grupo familiar.

A expressão utilizada por Leonardo ao se referir à irmã que é branca, está diretamente ligada às relações sociais que supervalorizam a branquitude. Essa expressão: “é branco, mas me aceita” já foi dita, dentro desse mesmo contexto, pelo próprio cartógrafo.

Fecha-se o primeiro ateliê com esse tensionamento a partir dos dizeres de duas crianças com destaque para o convívio das relações familiares, que mesmo fortalecidas pelo diálogo com os pais, são capturadas por estigmas e hierarquias que historicamente marginalizam os corpos negros.



09 de julho

Steliê - magnitude

2

3 crianças haitianas

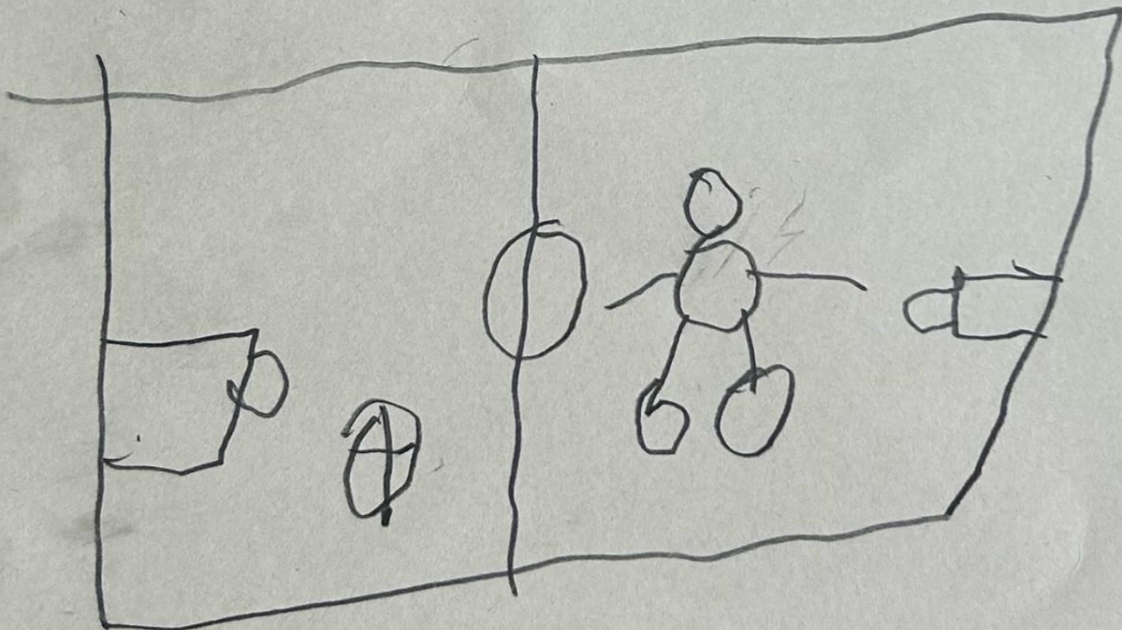
Jouis - prefere explorar a sala

Isaque - os colegas riem da minha  
cabeça raspada - meu pai mãe deixa  
eu usar el crescido

Susanne -

eu uso o cabelo enfeitado  
porque mãe quer que fique  
bagunçado





### **Louis, Isaque e Susanne**

O espaço onde esse ateliê-negritude acontece pertence a uma escola da periferia, cercada por muros, grades e cadeados, um território de subterfúgio de muitas famílias haitianas, que procuram a escola por se sentirem melhor amparadas. Nesse encontro, foi possível conhecer Louis, Isaque e Suzanne, todos de origem haitiana. O espaço reservado para o ateliê é uma sala de aula ocupada pelos alunos do nono ano do turno da manhã, mas que no turno da tarde está vazia.

Sentados em classes, dispostos um ao lado do outro, escutam atentamente o enunciado do ateliê-negritude, dando início cada um à sua produção, tão logo o cartógrafo entrega a folha de papel Canson, o lápis e a borracha.

Louis não permanece sentado, explora os espaços da sala de aula, observa o armário de madeira antigo disposto na parede lateral da sala, em seguida se aproxima do televisor que está fixado na parede do fundo da sala, tão alto que nem mesmo o cartógrafo é capaz de alcançar sem ficar na ponta dos pés. Louis não diz uma só palavra, mas a ausência da fala faz sua expressividade parecer ainda mais intensa, imerso na sua sede investigativa, segue interessado no televisor, parece querer ligá-lo.

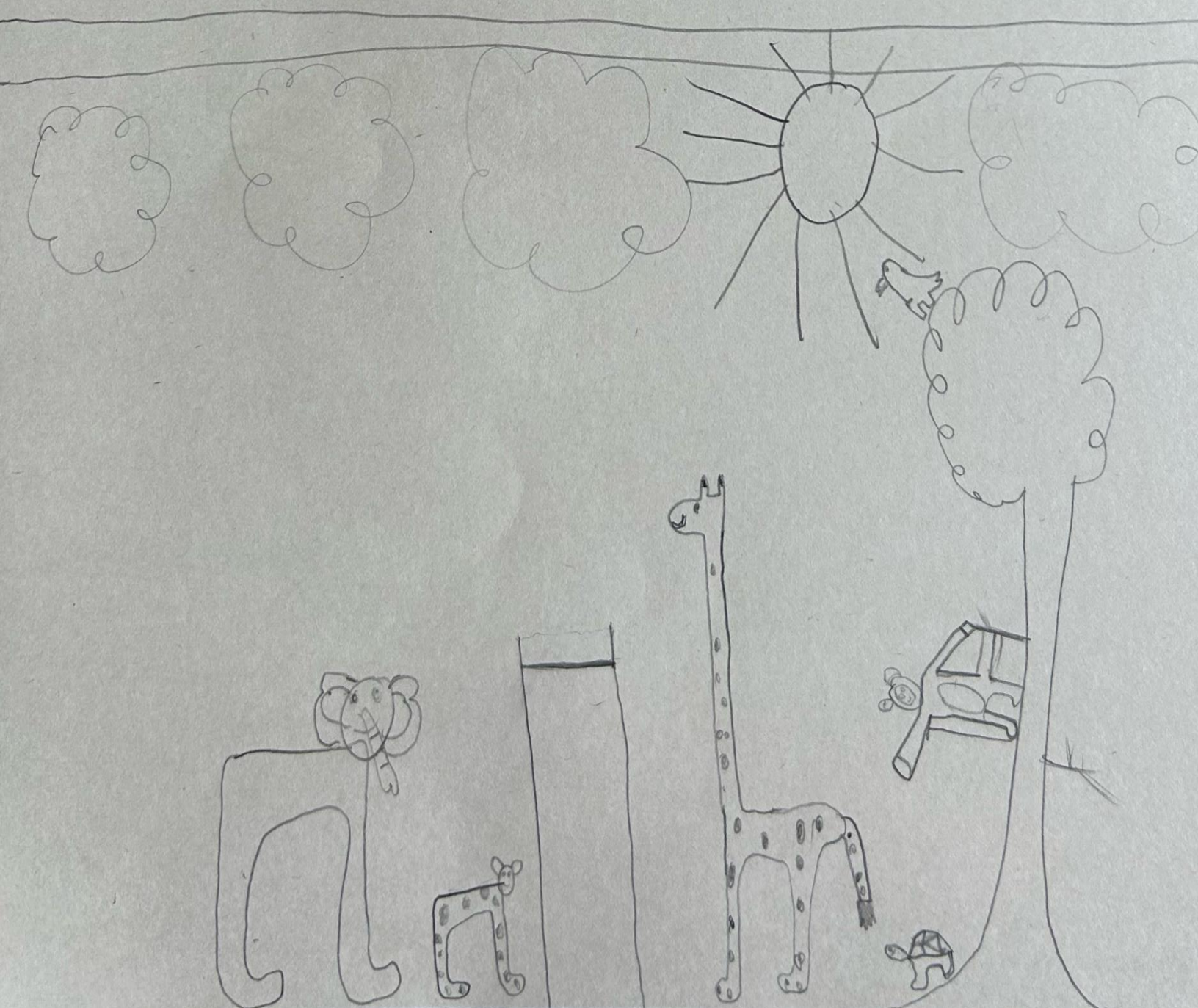
Qualquer tentativa de comunicação verbal não é respondida por ele e segue a perambular pela sala de aula em ritmo frenético, faz sua improvisação explorando cada objeto que vê. Enquanto os demais colegas seguem a atividade proposta pelo cartógrafo sem questionar, Louis demonstra inquietação e curiosidade, desafiando a lógica estabelecida no ateliê.

Passados algo em torno de dez minutos, Louis se senta em sua classe e agora parece estar interessado em dizer algo, olha atentamente para o



desenho de Isaque e, tomando o lápis em mãos, ajusta sua postura na cadeira com a atenção voltada para a folha de papel Canson, parece estar mergulhado em seu próprio universo, dando início à sua produção, sem dizer uma só palavra.

Louis não se expressa na fala, prefere manter-se em silêncio enquanto desenha, sua oralidade não chega a ser direcionada para o cartógrafo, mas sua inquietude emite ruídos, rompendo o silêncio da sala.



*“Os colegas riem da minha cabeça raspada, mas eu raspo porque meu pai não deixa eu usar o cabelo crescido.”*

Entre ruídos, desenhos e escrita, o cartógrafo inicia um diálogo com Isaque. Seu desenho parece contextualizar uma história, com animais do continente africano e esse é o ponto de interação entre o cartógrafo e Isaque, que ao ver tal cena na folha de desenho em papel Canson, questiona se Isaque gosta de viver na cidade de Bento Gonçalves ou preferiria estar junto com seu povo do Haiti. Isaque não deixa dúvidas sobre sua preferência por seguir morando nesta cidade, pois, segundo ele, “a única coisa ruim que tem aqui é o frio”.

Isaque tem o cabelo crespo, mas usa um corte de cabelo bem raspado. Em diálogo com o cartógrafo, ele diz: “Os colegas riem da minha cabeça raspada, mas eu raspo porque meu pai não deixa eu usar o cabelo crescido”.

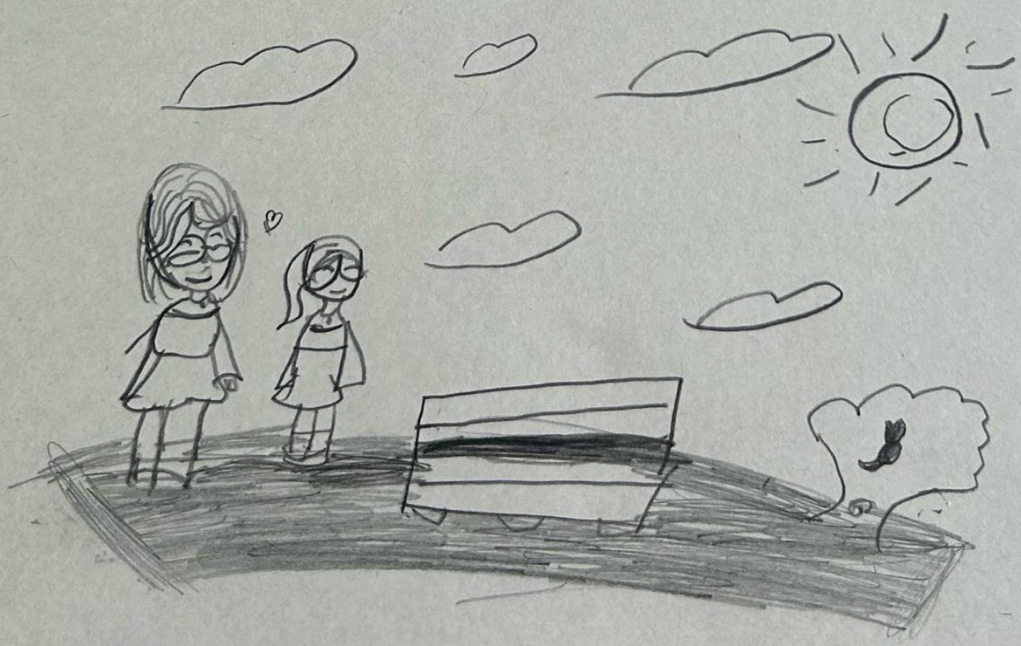
Esse dizer mostra que a percepção do pai sobre o cabelo de Isaque pode estar ligada à vivência do pai sobre sua própria aparência, uma experiência negativa resultante da racialização do seu corpo, que pode impactar na insegurança com sua própria imagem e na imagem de seu filho.

Raspar o cabelo é uma forma de mudar a aparência e fugir de preconceitos raciais atribuídos aos negros por suas características físicas. Esse comportamento é um caminho encontrado pelos negros para se encaixar em padrões mais aceitáveis e menos percebidos no meio social em que vivem. Uma opção por um estilo que seja menos propenso a experiências de preterimento racial como a que Arthur viveu aos cinco anos de idade.

No caso do menino Isaque, raspar o cabelo não tem o livrado de passar por situações desconfortáveis na escola, pois tem sofrido com os ataques de zombarias dos colegas justamente pela ausência de vestígios de cabelo em sua cabeça. Colegas que estão internalizando estereótipos e padrões de beleza impostos pela sociedade e que na escola iniciam o ciclo de perpetuação dessa discriminação racializada.



500  
ola lu new inoallu  
luu garto telimtar  
etali garta de inoallu siveba lu lu  
i eu  
mnu amigun  
tante



*“Eu uso o cabelo enfeitado porque não quero que ele fique bagunçado.”*

Suzanne deslizava com maestria o lápis sobre a folha Canson, às vezes, num gesto a buscar inspiração, debruçava-se sobre a classe com o pensamento distante, em seguida, voltava a atenção para seu desenho e escrita de tal maneira que parecia querer manter certa confidencialidade, tentando evitar que os colegas vissem sua produção.

Durante os diálogos que se construía no ateliê, Suzanne manifesta o cuidado que tem com seu cabelo: “eu uso o cabelo enfeitado porque não quero que ele fique bagunçado.” Seu dizer mostra o cuidado que tem em manter o cabelo arrumado e a preocupação com sua aparência.

Atento ao que se passa no ateliê, o cartógrafo faz-se indagar se aquela menina, ainda criança, comprometida com o encontro no ateliê-negritude e com o que dizer a Arthur, estaria ela sendo cuidada na escola com a mesma paixão com que se entrega escrever? Estaria ela sendo acolhida pela cidade onde seus familiares buscam por onde recomeçar suas vidas? A escola está comprometida em oferecer uma educação capaz de promover sentimento de orgulho que possa reparar ou amenizar as experiências negativas por estigmas e discriminações raciais que pesarão, ou já pesam, sobre ela ainda no ambiente escolar? Nilma Gomes (2017) responde a essa problemática da escola da seguinte maneira:

[...] Os (as) professores (as) não devem silenciar diante dos preconceitos e discriminações raciais. Antes, devem cumprir o seu papel de educadores (as), construindo práticas pedagógicas de promoção de igualdade racial no cotidiano da sala de aula. Para tal é importante saber mais sobre a história e a cultura africana e afro-brasileira, superar opiniões preconceituosas sobre os negros, denunciar o racismo e a discriminação racial e implementar ações afirmativas voltadas para o povo negro[...] (Gomes, 2017, p.60).

A presença de negros nas escolas dessa cidade é conflitante com os valores culturais presentes e enaltecidos nessa sociedade bento-gonçalvense. Desmaterializar esse modo de funcionamento presente nessas instituições escolares irá requerer muito arrojo da comunidade negra presente nesse território.

Os cuidados que Susanne tem com seus cabelos é uma resposta da negritude que resiste aos padrões de beleza eurocêntricos que estigmatizam os cabelos crespos. Os cuidados com o cabelo também é ligação com sua ancestralidade e um importante tema pedagógico para os professores levarem para a sala de aula (Gomes, 2017).

Dito isso, cabe lembrar que:

Enquanto não se puser fim à funesta ideia da desigualdade das raças e da seleção entre diferentes espécies humanas, a luta dos povos de origem africana por aquilo que poderíamos chamar de igualdade das partes” – e portanto, dos direitos e das responsabilidades -, continuará a ser uma luta legítima (Mbembe, 2022, p. 304-305).

Com os dizeres de Mbembe (2022), faz-se o fechamento do II ateliê-negritude com esse desdobramento em torno do que diz Suzanne sobre os cabelos crespos da negritude.



12 de julho

Ateliê. magnitude

3

3 crianças haitianas

Maxie - Não sou negro

Pierre - Se eu deixar meu cabelo crescer não me zombar na escola

Jean

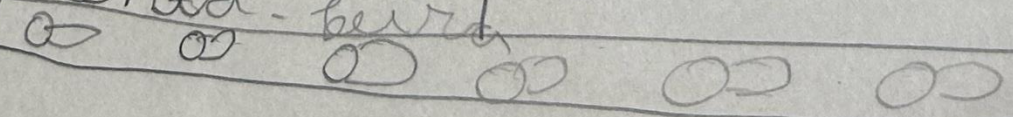
Estão se divertindo no ateliê



# Mamãe e Bebê



Dia 12 de julho de 2024, (130  
7 (2024,  
Senta-beira  
1) dardos da po  
seora  
2) Slazie  
3) Seira visum



*“Não sou negro, negro é pobre.”*

### **Marie, Pierre e Jean**

O território da cartografia se movimenta pelos espaços escolares, o relógio marca pouco mais de duas horas da tarde, estamos dentro da biblioteca da escola, essa escola está situada em uma região de classe média na cidade de Bento Gonçalves. Participam do ateliê-negritude Marie, Pierre e Jean, são de origem haitiana e se expressam muito bem em português. Espontâneos e nada tímidos com a presença do cartógrafo, acham graça, tagarelando o tempo todo e com expressividade corpórea notória. Antes mesmo de uma explicação sobre o funcionamento do ateliê, perguntam o porquê de estarem ali. A resposta para essa pergunta foi ensaiada pelo cartógrafo para esse momento da produção inventiva, da captura das pistas singulares. Ora, estamos no ateliê-negritude com as crianças negras.

Marie parece saltar da cadeira ao ouvir crianças negras, e numa atitude de negação, expurga esse nome com certa veemência: “não sou negro, negro é pobre”. Na carona de Marie, Pierre e Jean também se manifestam negando serem negros.

Marie desenha imprimindo certa força com a arte feita pelo lápis sobre a folha, seus traços são firmes, parece não ter dúvidas no que quer desenhar e acha graça no que faz. Curioso, o cartógrafo se aproxima da cadeira de Marie e pergunta o que ela está desenhando. “É a minha sala de aula”, responde ela. É visível em seu desenho a presença de outras crianças, então a pergunta agora é se ela está no desenho, respondendo ao cartógrafo apenas com um gesto apontando para o espaço que ela ocupa em seus

rabiscos. Marie tem o cabelo crespo, usa tranças em seu penteado, estilo característico das meninas haitianas.

Por entender que é preciso tensionar os achados na experimentação dos ateliês, o cartógrafo é atento aos movimentos e pistas que dão potência à escrita no cartografar os ateliês-negritude, destarte, problematizando os atravessamentos nos corpos negros, em relação aos cabelos, já que a cena contada para as crianças foi sobre o cabelo do menino Arthur.

Os dizeres de Marie emergem as cicatrizes profundas da racialização do negro, quando perguntado para ela quem a ensinou pensar o negro como símbolo de pobreza, ela responde que fora “o papai, a mamãe e a vovó”. Nessa acepção, o uso do substantivo negro remete à construção colonial, sendo assimilado por Marie e seus familiares a partir da consciência ocidental do negro, que legitimou a espoliação de homens e mulheres da África, subsidiou o capitalismo e deixou traumas ao instituir a essas pessoas o símbolo da anormalidade e destino da pobreza (Mbembe, 2022). Tal recusa produz certo questionamento no cartógrafo, por ser de uma comunidade (haitianos) cuja revolução em seu país de origem serviu de referência para as lutas de ruptura à condição servil do negro.

Transmitir a violência do racismo contida nas palavras de Marie durante o ateliê é como reviver uma cena presente na literatura que retrata a escravidão, mas ao invés de reproduzir o terror de um relato de açoitamento, o que interessa aqui é a cartografia das consequências desse terror que violenta os corpos perpetrados sob a rubrica da escravidão. Muito embora tenha sido uma cena chocante, não foi suficiente para reprimir o diálogo e, através dele, foi possível ver a manifestação de recusa do nome negro pela pequena Marie.

Os procedimentos dessa cartografia exigem a consideração dessa manifestação, assim como vemos Pierre e Jean transmitindo a mesma condição de expurgo. Os dizeres dessas crianças colocam o nome negro numa espécie de suspensão temporária, pois talvez ainda não saibam que a ancestralidade dos seus corpos foi tocada e tratada de maneiras tão perversas que eles não poderão escapar da poderosa e sombria herança da escravização legal. “A raça atravessa e participa da formação das infâncias e, infelizmente, nem sempre como parte do fascinante processo de diversidade humana, mas como um peso, como marca de inferioridade” (Gomes; Araújo, 2023, p. 18). Peso que leva a negação do nome negro que intelectuais afrodispóricos se dedicaram a recuperar (Mbembe, 2022), um rigor de anulação no ateliê-negritude em um falar de si que faz negar a própria condição social e sua corporeidade negra.

Enquanto a produção de conhecimento sobre a branquitude é transmitida como atribuição de valor que possibilita essa dominação no campo do conhecimento e na própria condição do corpo, em oposição na mesma força, a negritude é dissociada de valor algum. Esse funcionamento manifesta, a partir dessa escrita, a dolorosa condição das pessoas negras reivindicarem pela libertação das correntes do racismo, tendo o funcionamento de suas vidas excluídas pelo discurso proferido pelo pensamento eurocêntrico. A criança aqui aparece como o corpo restringido, ferido por esses atravessamentos, condenados à condição de negação da sua corporeidade.

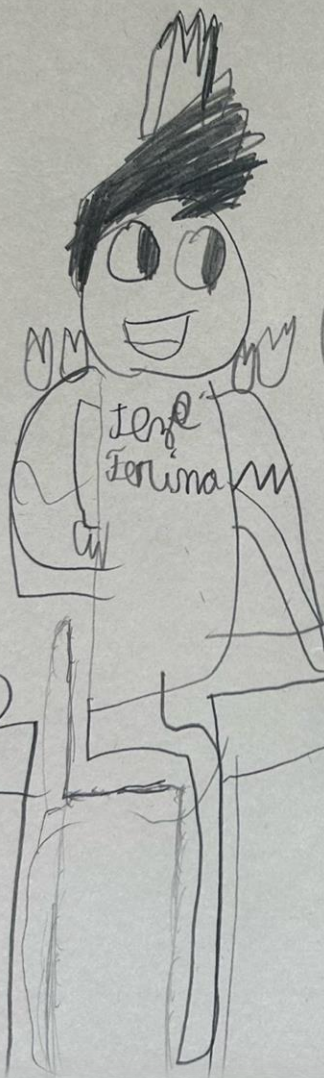
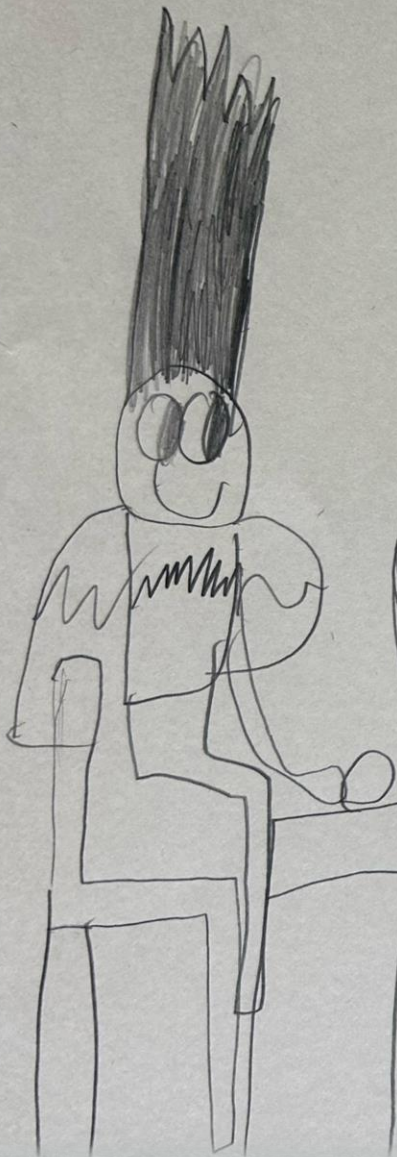
O dizer de Marie segue a ressoar obsessivamente ao longo dessa escrita, numa inquietação contínua para se fazer vibrar o suficiente para que o leitor possa ouvir o som, como o baque na levada do pandeiro num samba de roda, no jogo de capoeira, trazê-lo para esta roda interrompendo esse



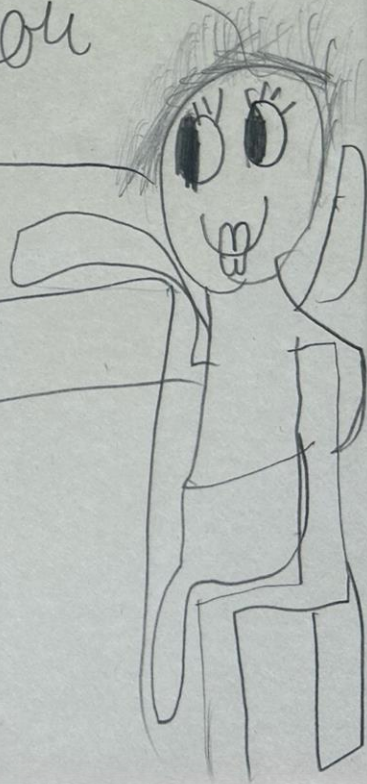
distanciamento velado. O baque do pandeiro soa como uma libertação, resistência, o grito de Marie soa como uma queixa, uma ausência, uma perda, uma privação de alguém, cujo construto social foi negado, um dizer turvo e agonizante numa pulsão por liberdade. Aliás, contra essas crianças, admitimos a problemática das estruturas curriculares escolares, que a essa noção, Gomes e Araújo (2023) problematizam o funcionamento das instituições educacionais e a noção desqualificada que as crianças possuem de suas origens, relatados por outros estudos, o que, segundo as autoras, estaria ligado à visão de mundo de educadores e seus processos formativos.

Dia 12 de Julho de  
2024 (19/7/2024)

Sexta-feira



DAVI que tem  
talal Feio



*“Se eu deixar meu cabelo crescer vão me zoar na escola.”*

Entre dizeres e risos, Pierre está em fase final de seu desenho. Ao desenhar alguns de seus colegas de sala, cujos traços são ressoantes sobre a corporeidade, encontrou espaço para chamar de feio o cabelo de outra criança que divide com ele o mesmo espaço na sala de aula. Relação notavelmente feitas por Gomes e Araújo em sua narrativa:

As marcas de classe, raça, gênero e as desigualdades nos acompanham desde o nosso primeiro momento de inserção no mundo da cultura, ao nascermos. Já no berçário, as crianças de um modo geral, e as negras, em específico, são perscrutadas se tem cabelo liso, anelado ou crespo, se são mais clarinhas, ou escurinhas, se nasceram com “aquilo roxo”, como se diz em algumas partes do país ou se possuem nariz chato ou fino.

Como, então, duvidar de que as crianças ao viverem suas infâncias não são afetadas pela maneira como são vistas desde que nascem e pelos estereótipos e preconceitos raciais e de gênero? Como não dizer que a sua corporeidade, ao se inserir na cultura, não se insere em um mundo adulto marcado pelo racismo, machismo, valores morais, religiosos e desigualdades que marcam a sua trajetória seu desenvolvimento humano? Se consideramos as crianças como sujeitos de direitos, como dizer que elas não notam, sentem, vivem, interpretam e criam estratégias para lidar com o mundo? E como não admitir que elas acabam por se educar ou deseducar para lidar com a suas próprias diferenças e das outras crianças? (Gomes; Araújo, 2023, p. 17).

Parece-me que as autoras escreveram sobre essas questões, não apenas como produção de conhecimento, mas para servir de apoio à resistência ao racismo e à sua manutenção.

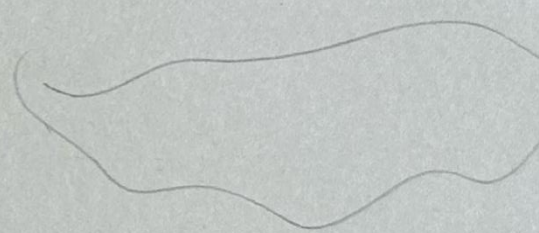
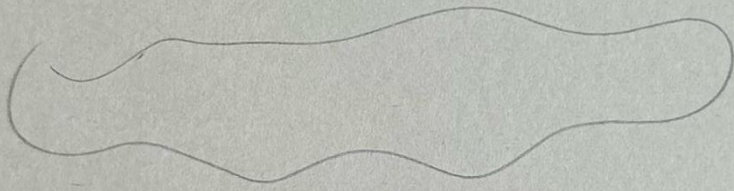
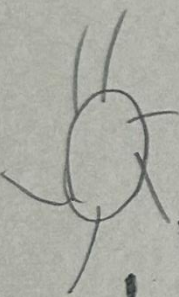
Voltamos aos dizeres de Pierre, que trazem uma série de questões relativas aos corpos da negritude. Isto é, sobre o cabelo do cartógrafo, de Arthur e do próprio Pierre, numa compreensão do que diz Arthur ao ter o penteado de seu cabelo rejeitado por aqueles que fazem sua interpretação

de mundo a partir da narrativa radicalmente universal branca, expressa neste caso, que o belo, o elegante se faz especialmente da ótica de uma identidade particular. Uma narrativa perfurante e perturbadora quanto a própria declaração de Pierre: “Se eu deixar meu cabelo crescer vão me zoar na escola.”

Ao ser impingido de permitir seu cabelo crescer, Pierre retrata, ao falar de seu cabelo, uma experiência comum que se conecta à corporeidade da negritude (Andrade, 2023). Pierre usa o cabelo raspado, embora o desenho de si seja divergente, o que talvez, subjetivamente transmita um desejo, tal como o desenho de Jean.

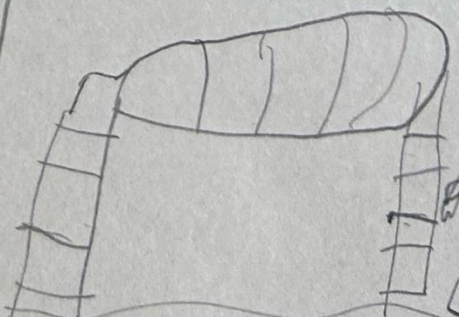
Ao desenhar a corporeidade de si, é como um arranjo musical, uma virada no pandeiro e, como um movimento de força, de pulsão, ressoa como ruptura, quer ele aceite ou rejeite essa corporeidade. Mesmo que ofuscados pela criação do ocidente sobre seus corpos negros, a negritude excede tal fundamentação. O que por esses rabiscos de escrita tento dizer é que a negritude colide com essas normas eivadas nas páginas dos livros tecidos pela modernidade filosófica, fazendo vibrar tal estrutura, sempre de improviso, assim como a partitura do samba é quebrada pela virada do pandeiro.





CRICHE

ESEOLA



Os autores dessas imagens contribuíram para o desenrolar dessas linhas. Jean tece sua conexão com o espaço educacional e seu entorno, se faz presente onde parece gostar de estar, na quadra de esportes da escola, sob a atenção do cartógrafo, professor de educação física, que não poderia deixar escapar esse registro.

Um encontro de acontecimentos múltiplos, que revelou pistas para a produção dessa pesquisa. Pistas que levam a outra grande parte que movimenta esses fragmentos de textos. O viver a negritude como uma construção de si, a construção de uma autoimagem positiva capaz de desconstruir o negro construído pelo racismo, como algo pejorativo, discriminado, negando assim a identidade criada pelo homem eurocêntrico, tendo consciência de sua negritude como um valor, mas nunca como uma identidade fixa, como uma essência (Andrade, 2023).

Viver a experiência da negritude, abandonando essa ideia de identidade que é uma construção da lógica colonial.

Embora não possa ser concebida sem que se leve em consideração a violência perpetrada contra o seu corpo, a experiência de ser negro não se reduz à condição de vítima e de sofrimento, nem o destino da negritude está *a priori* dado por uma identidade colonial (Andrade, 2023 p. 94).

O que existe é a experiência comum do preterimento racial provocada pelo racismo onde a negritude se recusa estar, ela se apresenta justamente no modo singular que os corpos negros experenciam essa imposição do racismo, sendo assim, não há uma única modalidade de se vivenciar a negritude (Andrade, 2023). No lugar de ser, um vir a ser, no lugar de uma diferença que se configura apenas como injustiças, uma relação com a diversidade.

A necessidade de posicionar o viver a negritude está para o ateliê-negritude como a levada do pandeiro está para a partitura do samba, sua improvisação dá sentido ao ritmo, assim como a negritude manifesta o arranjo do corpo, permitindo a expressão da corporeidade negra a partir desse lugar. Essa discussão contribui para um entendimento do que é ser negro quando abdicado desse invólucro de disparates criado pelo imaginário europeu.



15 de julho

Stelci - magnitude

4

Slice

- tem a irmã que estuda na mesma escola
- quer discos mensagem para o Arthur



Arthur.

VOCE É MORENO

SE CABELO É LINDO

VOCE SE TORNA EM UMA ESCOLA?

gostari de pessebe

Arthur



## Alice

O som que vem a seguir é mais silencioso, esse ateliê acontece no espaço da sala de aula, um diálogo apenas entre o cartógrafo e a Alice. “Ela não fala muito” disse a vice-diretora, “é tímida, vai ser difícil você conversar com ela”. O cartógrafo está especialmente interessado na captura dos afetos da melodia dos dizeres de Alice.

A cartografia dos ateliês-negritude não quer saber dessas interpretações do mundo adulto sobre a criança, esse território pertence às crianças, o cartógrafo e a escrita se movimentam de acordo com os atravessamentos vividos nos espaços dos ateliês-negritude, não se trata de uma escrita estanque. Nega-se esse acontecimento contínuo, assim como nos estudos de Gomes e Araújo:

Os estudos sobre as crianças e suas infâncias tem avançado consideravelmente envolvendo diferentes áreas do conhecimento. Constatam-se diferentes abordagens no sentido de atender esse tempo humano em relação às construções das crianças, suas formas de lidar com a vida em suas múltiplas dimensões no que se refere aos seus desafios e potencialidades. Cabe destacar também os aspectos referentes às ameaças que recaem sobre elas a partir das decisões dos adultos.

Um destaque nos estudos da infância, segundo Araújo (2015), tem sido a crítica à construção adultocêntrica da infância lembrando a origem etimológica do termo em que está um componente de não fala - *infant* -, que é o sem voz e sem fala. [...] constatamos, por diversos indicadores sociais, pesquisas, mídias e diálogo com educadores(as) no âmbito das escolas e nos encontros de formação continuada que a condição social da infância no Brasil apresenta muitas similaridades aos contextos de violência e injustiça [...] (Gomes; Araújo, 2023 p. 31 - 35).

Alice disse o bastante para o cartógrafo sobre sua família, deixando vestígios e fragmentos para compor as linhas dessa pesquisa. No ateliê-negritude, Alice conversa, escreve, desenha e sorri. Fala de sua irmã mais velha, que também estuda na mesma escola. Enquanto desenha, faz relatos

da rotina de sua família e com o lápis e a folha Canson que ganhou no ateliê registra sua sensibilidade, mesmo diante da violência vivida por Arthur.

O dizer de Alice para Arthur é a sensibilidade de quem em alguma medida compartilha de uma corporeidade em comum, como num elo de ruptura do projeto radical da branquitude de apagamento do negro, dedica-se, ao seu modo, a encorajar Arthur a viver a experiência de ser negro assumindo sua corporeidade.

Essa é a proposta dos ateliês, múltiplas produções, brechas que potencializam a cartografia como processo de pesquisa enquanto o cartógrafo registra os rastros deixados pelas crianças negras, rastros de vida, rastros de dizeres, rastros singulares que tensionam por uma outra maneira de estar na escola, que se faz entender as crianças como intensidade viva do que se passa com elas durante o processo de alfabetização de crianças da negritude.



16 de julho

Stellie-magnitude

5

Leisa -

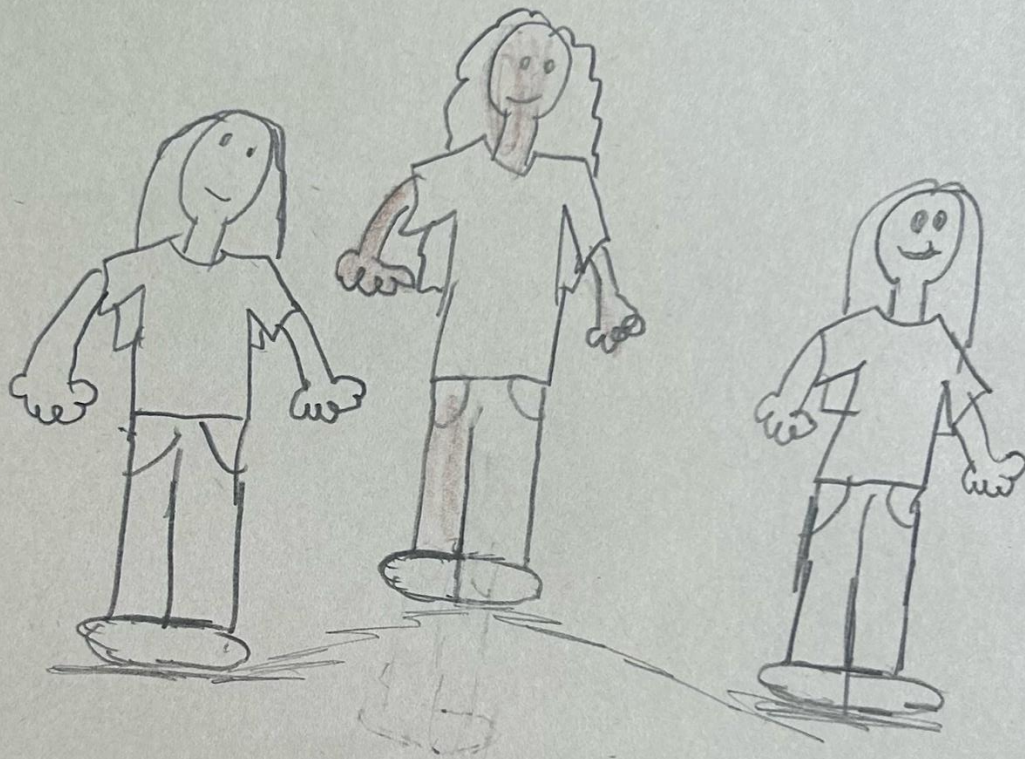
Já passou por situação  
parecida com a do Arthur



Arthur eu também vou te contar a minha história.

Quando eu tinha 5 anos na escolinha eu queria

brincar com uma colega mas ela não queria brincar comigo por causa da minha cor. Sou da cor marrom. Hoje tenho 7 anos e minhas amigas são brancas e gostam de mim.



*“Quando eu tinha 5 anos, na escolinha, eu queria brincar com uma colega, mas ela não queria brincar comigo por causa da minha cor.”*

## **Luísa**

Eis que chegamos no quinto e último ateliê-negritude, a escola localiza-se em bairro de periferia, nos fundos de um bairro nobre por assim dizer, pois para chegar na escola foi preciso passar por esse caminho. A sala onde estamos é estreita, quase como um corredor. A produção desse ateliê é com a pequena Luísa. Sem estranhamentos, logo questiona sobre o tempo de duração do ateliê, pois está preocupada com as atividades que a professora passou no quadro e não quer perder o conteúdo.

O início do ateliê se repete quase como todos os outros, mas cada um é um acontecimento que faz surgir possibilidades. Nesse movimento, a cartografia se desenha como uma via para tecer tensionamentos a partir dos encontros, das pistas deixadas pelas crianças negras, dos dizeres que marcam essa cartografia e proporcionam o desenrolar da escrita.

Este é um espaço que se movimenta pelo poder que as crianças participantes têm de fazê-lo se transformar a partir das suas produções. E assim, a criança tomou o espaço e tempo do ateliê-negritude. Luísa deixou alguns vestígios, registrou a violência do racismo que se manifestou de um encontro entre uma criança negra com uma criança branca.

“Quando eu tinha 5 anos, na escolinha, eu queria brincar com uma colega, mas ela não queria brincar comigo por causa da minha cor.” O dizer de Luísa mostra que o racismo atravessa o processo de formação dessas crianças nesse território. Muito embora seja um potente registro capturado, não causa nenhum estranhamento no cartógrafo. Aliás, a cartografia do

ateliê com Luísa é o registro do encontro com um corpo negro racializado que sofre a violação de seus direitos também no espaço escolar e, a partir dessa constatação,

Perguntas se instauram: estaremos nós educadores (as) dispostos (as) a construir processos que enalteçam e reconheçam a vida como plenitude, em especial a vida das crianças negras? Como construir e efetivar propostas de reconhecimento do valor da vida a partir do combate ao racismo e a toda forma de preconceito e discriminação existente entre nós? [...] Podemos ter as instituições educativas e as escolas partícipes das lutas antirracistas e democráticas, principalmente em atendimento à alteração da lei 9.394/96, LDB, pela lei 10.639/03 e suas respectivas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana? (Gomes; Araújo, 2023, p. 40-41).

Consoante a Gomes e Araújo (2023), o dizer de Luísa evidencia a necessidade de se construírem boas interações raciais na instituição escolar, pois podem ser determinantes para seu desenvolvimento, uma vez que expressa ser a menina negra entre as colegas brancas. Quantitativo este que deve passar despercebido por educadores e educadoras.

A vulnerabilização do corpo negro causada pelo racismo (Andrade, 2023) deixa cicatrizes que serão sentidas ao longo da formação dessas crianças. A cartografia do ateliê-negritude V mostra a manifestação do racismo por uma criança contra outra criança marcada precisamente pela epiderme.

O dizer de Luísa é o relato de sua experiência singular de experienciar o racismo, ao passo que Arthur experienciou o racismo através do seu cabelo, mas que pela corporeidade negra, ambos compartilham de uma experiência comum de outros corpos que sofrem racismo por carregarem em seus corpos fenótipos negros (Andrade, 2023).

Sobre esse ponto, na esteira de Fanon<sup>25</sup>, supracitado, Mbembe (2022) vai dizer que quando vinculado o “ser negro” a “disparates”, “mentiras” e “fantasmas” tomam-se as pessoas negras por um “[...] invólucro exterior cuja função foi, desde então, substituir o seu ser, a sua vida, o seu trabalho e a sua linguagem” (Mbembe, 2022, p. 81). Essa brutalidade é recorrente e, conforme Gomes (2002), nem todas as crianças conseguem lidar com essas experiências de preconceito racial, que envolvem os corpos e os cabelos, vividas ainda na escola.

A experiência em coletividade vivida pelo negro está ligada à sua corporeidade, cabelo, cor e fisionomia. Esses fenótipos humanos se tornam um marcador discriminatório. “O racismo cria um corpo negro quando cria o fantasma da raça. Esse fantasma impõe às pessoas negras uma experiência de sofrimento independentemente de suas vontades” (Andrade, 2023 p.93). Sobre esse ponto que trata da experiência de ser negro, deixo pistas sobre a parte final dessa escrita, por considerar que esse movimento merece mais alguns improvisos.

Encerra-se o encontro, fecham-se os ateliês-negritude para que outros possam ser iniciados, seja ao som do pandeiro, tambor ou pelo atabaque, que seus improvisos suscitem brechas para novos dizeres, aliás, o que o cartógrafo não daria para compor essa escrita sem os estigmas que a anunciam.

---

<sup>25</sup> Frantz Fanon, *Pele negra mascaras brancas* “O negro é uma besta, o negro é mau, o negro é malicioso, o negro é feio, olhe, um negro! Faz frio, o negro treme, o negro treme porque sente frio, o menino treme porque tem medo do negro, o negro treme de frio, aquele frio de torcer os ossos, o belo menino treme porque acha que o negro treme de raiva, o menino branco corre para os braços da mãe: mamãe, o negro vai me comer!”(Fanon, 2020, p. 129)

## NEGRITUDE DIZ





LF

Imbuído na escuta atenta dos encontros nos ateliês, cartografar o que dizem as crianças negras matriculadas no segundo ano da alfabetização nas escolas estaduais da cidade de Bento Gonçalves – RS, sobre a negritude, trouxe ao cartógrafo e à escrita que se efetiva nessa dissertação, pistas, vestígios singulares que levam a questões ligadas aos corpos e aos cabelos das crianças negras. São dizeres que expressam atravessamentos no processo de constituir-se negritude e na composição com o território de uma comunidade que se nomina e representa a branquitude. Nesse processo, a raça é um marcador de produção de violências sociais motivada pela cor da pele e se territorializa no cabelo crespo das crianças negras.

Nesse sentido, essa disseminação da violência sobre o cabelo das crianças negras participantes dos ateliês se mistura na formação dessas crianças como um selo de inferioridade, um trabalho de quatro séculos muito bem tecidos pela branquitude, pela colonização sobre o corpo negro.

A cartografia extrai no ateliê-negritude o que as crianças dizem dessa manutenção do racismo operada pela violência que se manifesta sobre o cabelo crespo e que conduz as crianças negras em direção ao modelo ideal de corporeidade da branquitude quando entram no espaço da instituição escolar.

Os enfrentamentos a essa representação da branquitude que ocorre no período da alfabetização são expressos nos desenhos e na oralidade das crianças, quando assumem um certo “cuidado” com o cabelo, que é para não parecer bagunçado, como disse a menina Susanne durante o ateliê. Um cabelo feminino que carrega experiências de atravessamentos coletivos das mulheres negras. O “cuidado” com o cabelo que é marcado pela violência do racismo também é a resistência dessa criança negra, diante dessa violência naturalizada pela instituição alfabetizadora.



A materialização das práticas racistas sobre o cabelo da negritude leva ao encobrimento dos vestígios que o cabelo crespo pode mostrar sobre suas origens afro-brasileiras e/ou africanas, como no caso das crianças haitianas. A adoção ao corte de cabelo raspado só não foi feita pelos meninos Leonardo e Bernardo, que mesmo sendo autodeclarados como pretos, não possuem cabelos crespos, e por causa disso, não são alvos de ataques de colegas por questões ligadas aos seus cabelos. Para os meninos Louis, Isaque, Pierre e Jean, raspar o cabelo está longe de ser uma escolha por uma expressão de beleza. Seus dizeres mostram um comportamento reativo aos estigmas sofridos dentro da escola por terem cabelos crespos. Raspar o cabelo acaba por ser uma resposta por não suportar as pressões dos padrões de beleza exigidos pela cultura eurocêntrica dominante, escondendo qualquer possibilidade de ser identificado, buscando uma assimilação com esse padrão.

O dizer de Pierre sob a certeza de que será estigmatizado na escola se deixar seu cabelo crescer dispara questionamento sobre o comprometimento institucional com a lei 10.639, de 09 de janeiro de 2003, que altera a lei 9394/96 (Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional), da obrigatoriedade do ensino da história e da cultura afro-brasileira nas escolas. Passados vinte anos desde sua promulgação, vê-se, a partir dos dizeres dessas crianças, a necessidade de reiterar, nessas instituições, o compromisso com a referida lei e os múltiplos desdobramentos da negritude ainda na alfabetização, para que as crianças cresçam em um ambiente de representatividade e pertencimento, em um ambiente que valorize as diferenças.

Todavia, no território de onde se faz essa escrita, carregado de identidade, é preciso problematizar também as narrativas coloniais que

persistem em reduzir o negro a estereótipos e colocam a branquitude como superiores diante de outras culturas e povos. O funcionamento dessa escrita está implicado na quebra desses discursos. Ao trazer os dizeres das crianças negras sobre suas experiências de vida racializadas, mostrou-se a necessidade de abertura de espaços para que suas vozes sejam ouvidas. Ainda, a pesquisa apontou os efeitos silenciosos do racismo associados aos corpos e cabelos das crianças negras.

Em tempo, os dizeres que emergem desse território da alfabetização, expressos pelas crianças negras, é o que levam esse texto a diante, num movimento cartográfico de forças discursivas menores. São dizeres consoantes à construção crítica de Mbembe (2022) sobre a complexa condição das pessoas negras viverem num mundo racializado, dizeres que apontam o funcionamento de uma branquitude que marginaliza os corpos negros, dizeres das crianças que expressam a ideia de “não serem negros e negras”. Dizeres que vão ao encontro do que viveu Arthur e seu pai, o cartógrafo desta pesquisa. Dizeres do vivível dessas crianças que se constituem nesse território de não valorização da cultura negra, implicando na colonização dos cabelos das crianças negras dentro da instituição escolar.

A questão, então, foi trazer por essas linhas o que ocorre nesse território, num movimento cartográfico de ruptura à perpetuação desse não lugar, onde, por muito tempo, o cartógrafo negro permaneceu enclausurado, um combate a esse sintoma cíclico de subjetivação do corpo negro, que tolhe futuros e transforma os territórios da escola e da universidade, como um lugar de não direito social. Uma tentativa de sacudir tais estruturas por sua incapacidade de romper com essa violenta subjetivação feita pela

cultura majoritariamente produzida pelo funcionamento da branquitude de Bento Gonçalves.

A relevância dessa pesquisa opera sob o contexto da alfabetização, em que os vestígios encontrados mostram as marcas dos atravessamentos que as questões ligadas à identidade e à raça deixam no cabelo das crianças, ainda no período da alfabetização, etapa que, para muitas delas, trata-se do primeiro contato com a escola, por ser momento obrigatório de entrada na educação básica. Falar sobre esses vestígios nesse território marcado por atos racistas e negado pela branquitude é um ponto de fuga que faz o combate antirracista se espriar para dentro e fora dos espaços das instituições de Bento Gonçalves.

A produção cartográfica dos ateliês-negritude possibilita encontrar dizeres consoantes aos dizeres do Arthur, assim como conferiu ao cartógrafo negro dizeres de si que a violência do racismo calou, deu força e coragem para partilhar memórias tão particulares, que por vezes preferiria tê-las apagado das lembranças, à exceção daquelas em tempo de criança, brincando em segurança, na calçada da velha casa de madeira do interior.

Os movimentos dessa pesquisa de mestrado pelos dizeres das crianças negras dão forças para que o cartógrafo persiga no combate, junto à levada do pandeiro. Por isso, a chegada ao final dessa escrita não exatamente soa como um fim determinado ao movimento do cartógrafo, que, com a pesquisa cartográfica passa a vislumbrar dar continuidade ao combate, pela proposta de tese de doutorado em educação, cujo território a ser vasculhado segue sendo a alfabetização. Desta vez, a potência da escrita se espriará pelo seguinte questionamento: sobre a implementação da lei nº 10.639/2003: o que dizem as alfabetizadoras das escolas públicas estaduais, de Bento Gonçalves – RS? A tese pode forçar outro ponto de fuga e, a partir dos

dizeres de Leonardo, Bernardo, Louis, Isaque, Susanne, Marie, Pierre, Jean, Alice e Luísa, sensibilizar as alfabetizadoras e a instituição escolar deste município na construção de um currículo que de fato se efetive num combate pela negritude.

## REFERÊNCIAS

ABATI, Lucas; CASTAMAN, Nélío. **Árbitro Márcio Chagas da Silva é vítima de racismo após partida em Bento Gonçalves**. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/noticia/2014/03/arbitro-marcio-chagas-da-silva-e-vitima-de-racismo-apos-partida-em-bento-goncalves-cj5viv8yb0dfkxbj02ipgrsqc.html>. Acesso em: 07 nov. 2023.

ANDRADE, Érico. **Negritude sem identidade**: Sobre as narrativas singulares das pessoas negras. São Paulo: n-1 edições, 2023. 168p.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Branqueamento e Branquitude no Brasil**  
In:

CARONE, Iray; SILVA, Maria Aparecida Silva. (orgs.) **Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BRAYNER De Farias, André. **Racismo e necropolítica**: variações para uma biopolítica pós-colonial. *Revista Opinião Filosófica*, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 1–20, 2021. DOI: 10.36592/opiniaofilosofica.v12.1055. Disponível em: <https://opiniaofilosofica.org/index.php/opiniaofilosofica/article/view/1055..> Acesso em: 5 set. 2024.

CASO George Floyd: morte de homem negro filmado com policial branco com joelhos em seu pescoço causa indignação nos EUA. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/05/27/caso-george-floyd-morte-de-homem-negro-filmado-com-policial-branco-com-joelhos-em-seu-pescoco-causa-indignacao-nos-eua.ghtml>. Acesso em: 09 out. 2023.

CHAVES, Wanderson da Silva. **O Partido dos Panteras Negras**. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 30, p. 359-364, jan./jun. 2015. Disponível em: [www.revistatopoi.org](http://www.revistatopoi.org). Acesso em: 10 jan. 2024

CORDEIRO, Gilson Soares. **Metodologia Cartográfica como Possibilidade de Pesquisa em Linguística Aplicada com coletivos de Negros e Negras: confissões de pesquisa**. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, [S. l.], v. 23, n. 2, p. 257–274, 2022. DOI: 10.26512/les.v23i2.45261. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/45261>. Acesso em: 4 fev. 2024.

GIANNINI, Alessandro. **Lewis Hamilton responde em português a racismo de Nelson Piquet**. Revista Veja, Junho de 2022. Disponível em: [https://veja.abril.com.br/esporte/lewis-hamilton-responde-em-portugues-a-racismo-de-nelson-piquet-nas-redes/?utm\\_source=google&utm\\_medium=cpc&utm\\_campaign=eda\\_veja\\_audiencia\\_editoria\\_esporte&gad=1&gclid=Cj0KCQjwmtGjBhDhARIsAEqfDEdo8LeEqN\\_0222FNiT5wOqN7JDNAqkFZX24OdCqPJ32Fv9zc7-4K5gaAitcEALw\\_wcB](https://veja.abril.com.br/esporte/lewis-hamilton-responde-em-portugues-a-racismo-de-nelson-piquet-nas-redes/?utm_source=google&utm_medium=cpc&utm_campaign=eda_veja_audiencia_editoria_esporte&gad=1&gclid=Cj0KCQjwmtGjBhDhARIsAEqfDEdo8LeEqN_0222FNiT5wOqN7JDNAqkFZX24OdCqPJ32Fv9zc7-4K5gaAitcEALw_wcB). Acesso em: 10 jun. 2023.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. Portal Geledés, 2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2017/03/Alguns-termos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 08 jan. 2024

GOMES, Nilma Lino. **Educação e Identidade Negra**. Aletria: Revista de Estudos de Literatura, [S. l.], v. 9, p. 38–47, 2002. DOI: 10.17851/2317-2096.9.38-47. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/17912>. Acesso em: 8 dez 2023.

GOMES, Nilma Lino; ARAÚJO, Marlene de. **Infâncias Negras: vivências e lutas por uma vida justa**. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2023. 208 p.

GOMES, Nilma Lino. O combate ao racismo e a descolonização das práticas educativas e acadêmicas. **Revista de Filosofia Aurora**, [S. l.], v. 33, n. 59, 2021. DOI: 10.7213/1980-5934.33.059.DS06. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/aurora/article/view/27991>. Acesso em: 19 jan. 2024.

GOMES, Nilma Lino. **Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?** Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n. 21, p. 40-51, 2002. ISSN 1413-2478. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000300004>. Acesso em: 08 jan. 2024.



MAPA da votação - Eleições 2022. Disponível em: <https://infograficos.oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2022/mapa-votacao-municipios-e-estados-do-brasil.html#/presidente?desempenho=individual&estado=RS&municipio=4302105&candidato=Jair+Bolsonaro>. Acesso em: 03 mar. 2024.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: 2ª edição, n-1 Edições, 2022. 320p.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, DF: MEC, 2004. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/003/pdf>. Acesso em: 07 dez. 2023.

MUNANGA, Kabengele. Prefácio. In: **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. 2ª edição. São Paulo: Vozes, 2003. p. 9-11.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. 140p.

QUINTILIANO, Rachel. **Vinicius júnior faz um chamamento público pelo fim do racismo**. Revista Raça, maio, 2023. Disponível em: <https://revistaraca.com.br/o-cinismo-do-racismo-europeu-no-caso-vini-junior/>. Acesso em 10 jun. 2023.

SANTOS, Sales Augusto dos. **A Lei nº 10.639/03 como fruto da anti-racista do movimento negro**. Educação Antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03/Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 21-37. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/educacao-anti-racista-caminhos-abertos-pela-lei-federal-no-1063903/>. Acesso em: 07 dez 2023.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **Crianças negras entre a assimilação e a negritude**. Revista Eletrônica de Educação, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 161–188, 2015. DOI: 10.14244/198271991137. Disponível em:

<https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/1137>. Acesso em: 20 jan. 2024.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Graal, 1983. 88p.

Relatório anual da discriminação racial no futebol 2022 / Observatório da Discriminação Racial no Futebol, Porto Alegre: Museu da UFRGS, 2023. Disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/observatorio/relatorios-anuais-da-discriminacao/>. Acesso em: 06 mar. 2024

WOODSON, Carter Godwin. **A (des)educação do negro**. Tradução e notas de Naia Veneranda; prefácio Emicida. São Paulo: Edipro, 2021.126p.